

Departamento de Sociologia

A organização social de um bairro “desorganizado”. Um estudo de caso sobre a Cova do Vapor (Trafaria)

Bruno Miguel Amaro Mateus

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Sociologia e Planeamento

Orientador:
Doutora Graça Índias Cordeiro, Professora Auxiliar,
ISCTE-IUL

Setembro, 2010

Anexo B

Índice de Figuras:

Figura 1 – Localização Bairro na Península Setúbal (<i>Imagem Google Earth</i>).	1
Figura 2 - Forte de S. Lourenço do Bugio	1
Figura 3 – Imagem do Bairro, vista superior	2
Figura 4 – Imagem entrada do Bairro	2
Figura 5 – Imagens do Bairro, ruelas e becos.	3
Figura 6 - Reportagem sobre o Bairro; <i>Fonte</i> Revista Visão 1998.....	4
Figura 7 - Reportagem sobre o Bairro; <i>Fonte</i> Jornal Diário de Noticias 14/08/2000	6
Figura 8 - Reportagem sobre o Bairro; <i>Fonte</i> Jornal PUBLICO de 28/04/2002	7
Figura 9 - Reportagem sobre o Bairro; <i>Fonte</i> Jornal da Região Almada 15/10/2003.....	9
Figura 10 - Notícia sobre mau tempo; <i>Fonte</i> : Diário da Manhã 14/11/1950.....	10
Figura 11 - Notícia sobre mau tempo; <i>Fonte</i> D.N.14/11/1950	10
Figura 12 - Notícia sobre mau tempo; <i>Fonte</i> : Diário de Lisboa de 13/11/1950	10
Figura 13 - Notícia sobre mau tempo; <i>Fonte</i> Diário da Manhã de 16/11/1950	11
Figura 14 - Notícia sobre mau tempo; <i>Fonte</i> Diário Popular de 14/12/1958.....	11
Figura 15 - Notícia sobre mau tempo; <i>Fonte</i> Diário Popular 17/01/1951	12
Figura 16 - Notícia sobre mau tempo; <i>Fonte</i> Diário Popular de 14/12/1958.....	13
Figura 17 - Notícia sobre mau tempo; <i>Fonte</i> O Século Ilustrado 13/12/1958	14
Figura 18 - Notícia sobre mau tempo; <i>Fonte</i> Diário de Noticias de 15/12/1958	16
Figura 19 - Notícia sobre mau tempo; <i>Fonte</i> Diário de Noticias de 15/12/1958	17
Figura 20 - Notícia sobre mau tempo; <i>Fonte</i> Jornal da Região Almada de 20/03/2005	20
Figura 21 - Notícia sobre mau tempo; <i>Fonte</i> : Correio da Manhã 28/03/2005	21
Figura 22 - Notícia; <i>Fonte</i> Diário Popular de 13/10/1972	22
Figura 23 - Notícia <i>Fonte</i> Correio da Manhã de 18/01/1982.....	24
Figura 24 - Notícia <i>Fonte</i> : Correio da Manhã de 23/06/1995.....	24
Figura 25 - Notícia <i>Fonte</i> Correio da Manhã de 16/07/2002.....	25
Figura 26 - Notícia <i>Fonte</i> Jornal SEMMAIS – Regional de 19/12/2003.....	26
Figura 27 - Notícia <i>Fonte</i> Correio da Manhã de 27/03/2007.....	28

Figura 28 - Notícia <i>Fonte</i> : Diário de Notícias de 27/03/2007.....	29
Figura 29 – Documento relativo à reconstrução de Habitação	30
Figura 30 - Exemplo de um pedido de autorização de 1948.....	31
Figura 31 - Exemplo de planta apresentada em 1968	32
Figura 32 - Exemplo de autorização concedida em 1941	33
Figura 33 - Confirmação da construção da barraca em 1942.....	34
Figura 34 - Exemplo de passagem de proprietário da habitação em 1967.....	35
Figura 35 - Modelo usado para renovação da licença da construção em 1970.....	36
Figura 36 - Cais de desembarque na Cova do Vapor, imagem de 1948	40
Figura 37 - Notícia Correio da Manhã de 1987	40
Figura 38 - Carta da EDP sobre o custo da Electrificação do bairro	41
Figura 39 – Exemplos de habitações marítimas do início do Século XX.....	42
Figura 40 – Habitações na Costa Nova, Ílhavo.....	43
Figura 41 – Imagens do Bairro, habitações antigas, traçado original	44
Figura 42 – Imagens do Bairro	45
Figura 43 – Imagens do Bairro	46
Figura 44 – Imagens do Bairro	47
Figura 45 – Imagens do Bairro	48
Figura 46 – Imagens do Bairro, locais de convívio dos jovens.....	49
Figura 47 – Imagem do Bairro, cenário criado para rodagem de um Filme	50
Figura 48 – Logótipo do Bairro, criado pela Comissão de Moradores.....	50

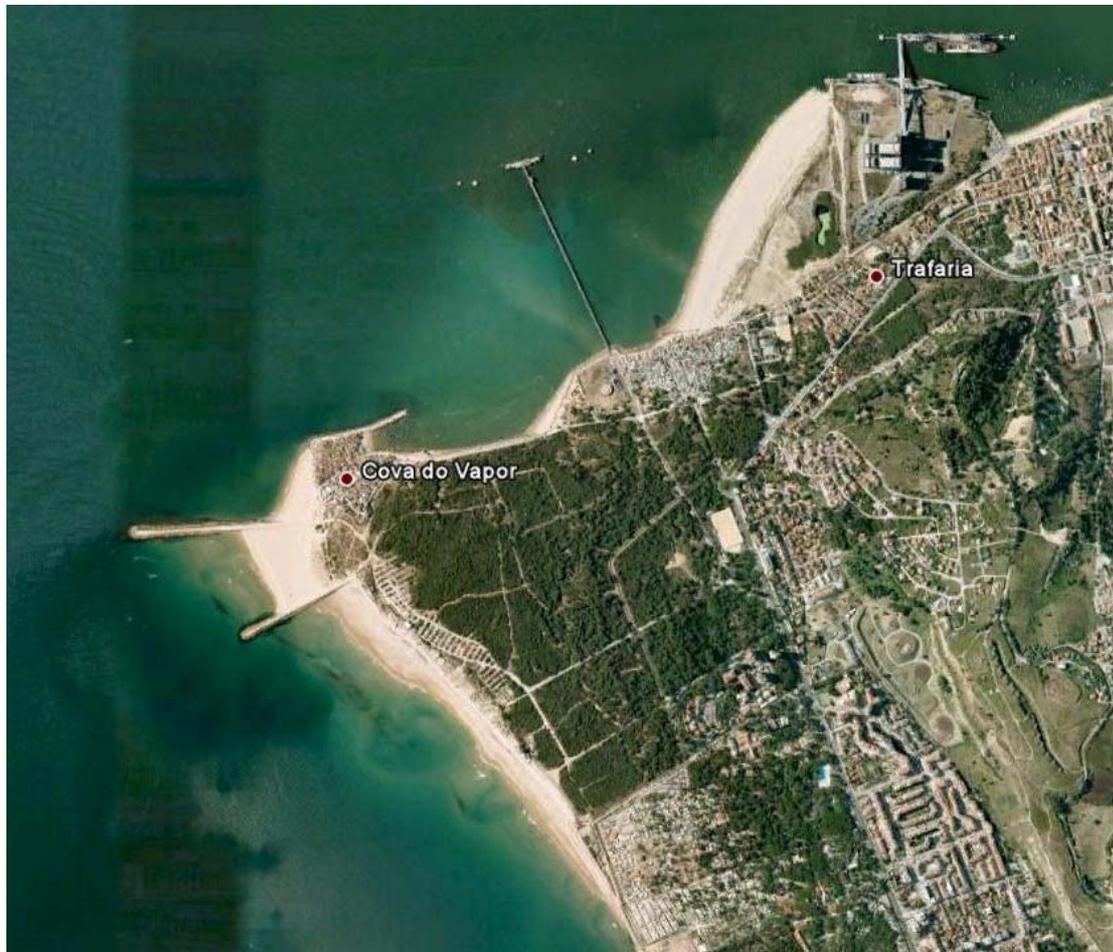


Figura 1 – Localização Bairro na Península Setúbal (*Imagem Google Earth*).



Figura 2 - Forte de S. Lourenço do Bugio

Antiga foto do Forte de São Lourenço do Bugio, construído em 1643 na foz do rio Tejo e onde se pode observar o facto de que na época ainda existir areia em seu redor.

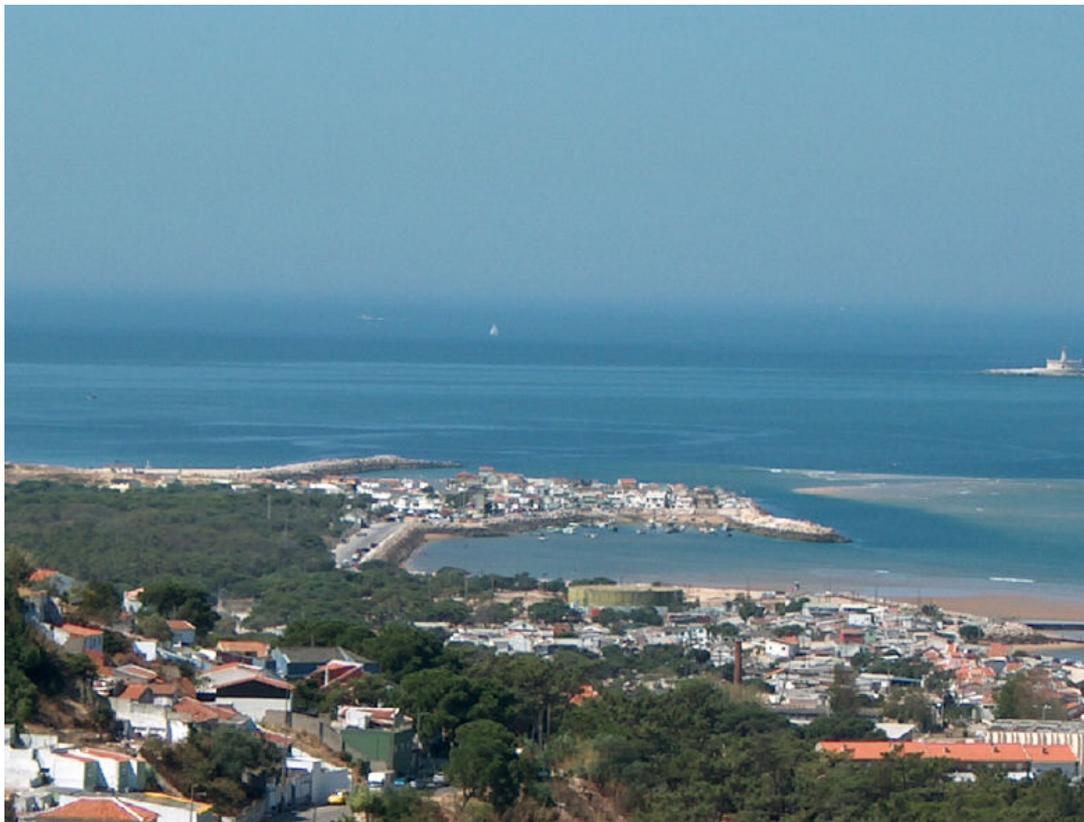


Figura 3 – Imagem do Bairro, vista superior

Imagem do autor retirada do alto da Trafaria, ao fundo o Bairro da Cova do Vapor e do lado direito o bairro mais próximo, 2º Torrão. Em baixo, imagem retirada do *Google Earth* da entrada para o Bairro, onde é visível a Baía dos barcos e um dos pontões que seguram o Mar.

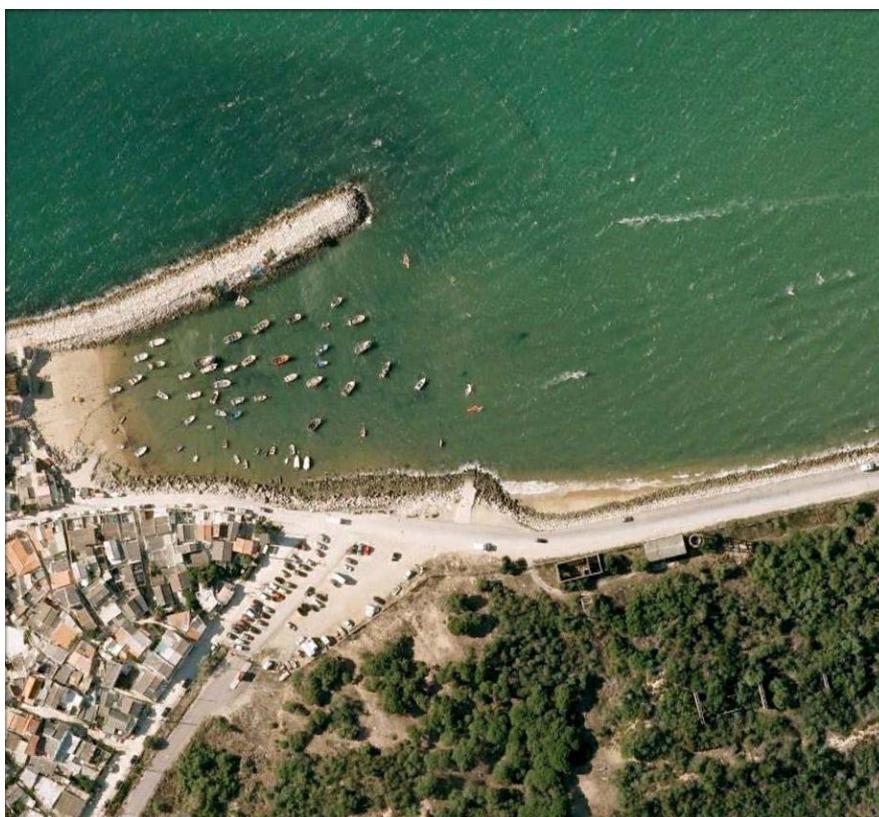


Figura 4 – Imagem entrada do Bairro



Figura 5 – Imagens do Bairro, ruelas e becos.

REPORTAGEM

Cova do vapor



Cova do Vapor - uma pequena aldeia perto da Trafaria "instalada" entre o rio Tejo e o Oceano Atlântico.

A aldeia dos pequeninos

Texto: Carlos Alberto Gomes Fotos: Nuno Ricardo

A força do mar roubou-lhe um grande pedaço de terra sem pedir satisfações a ninguém. Os habitantes da Cova do Vapor tiveram que aceitar essas exigências da Mãe Natureza e pegaram nas suas casas movendo-as para terra segura. Como se fossem caracóis, os pescadores dessa pequena aldeia da Margem Sul do Tejo resistem também às ameaças do progresso e aos projectos de arrasar de vez com a Cova do Vapor para construir no local o novo porto de Lisboa.

A Cova do Vapor é uma pequena aldeia localizada precisamente no "cotovelo" de terra que o rio Tejo faz com o Oceano Atlântico. Existe apenas uma rua principal, de terra, com imensos buracos. Os caixotes de lixo abarrotam de detritos nesta época do ano já que os camiões

da Câmara Municipal de Almada vão lá só de vez em quando.

Mesmo parecendo ser uma aldeia do terceiro mundo, a Cova do Vapor não deixa de ter as suas particularidades. E o que salta primeiro à vista são as casas extremamente pequenas e aconchegadas umas às outras e que

ocupam todo o espaço, assemelhando-se ao Portugal dos Pequenitos, em Coimbra. Tal facto deve-se à força da Natureza da qual falamos no início desta "visita" pela Cova do Vapor.

Nos anos 40 e 50 esta aldeia ficava situada muito perto do Farol do Bugio, perdido no meio do mar e que indica a entrada do rio Tejo. Os habitantes mais idosos recordam que nesses tempos, e com maré baixa, podia-se ir a pé até ao farol quando os bancos de areia ficavam imersos.

Mas aos poucos e poucos o mar veio roubando território aos pescadores e eles não tiveram outra solução senão meter a casa às costas, tal e qual os caracóis. Como essas mudanças eram sistemáticas, a alternativa encontrada foi a de colocar a casa sobre estacas de madeira e de cada vez que o mar roubasse mais areia

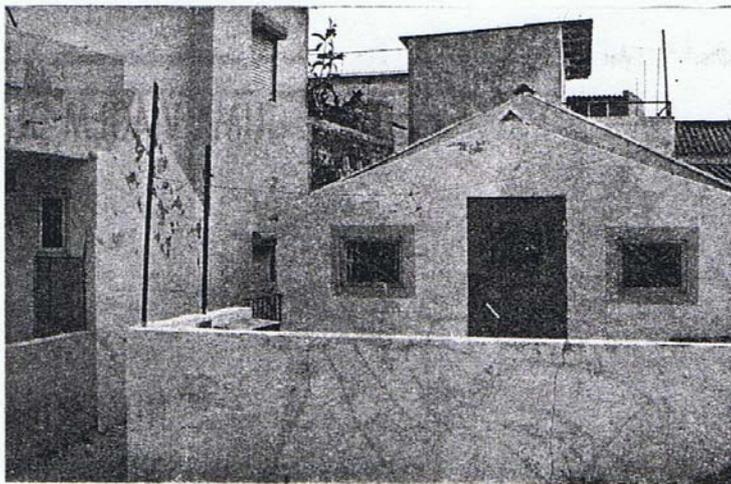
bastava recuar as casas, colocando-as em outras estacas. É igualmente por este motivo que o casario da Cova do Vapor se encontra tão "entalado". Com o espaço cada vez mais reduzido, a solução foi diminuir o tamanho das casas e o espaço entre elas.

Com o avançar dos tempos o Homem encontrou formas cada vez mais eficientes de controlar a força da Natureza. Por isso colocaram toneladas e toneladas de pedras junto ao mar com o intuito que a Cova do Vapor desaparecesse do mapa para sempre.

Mas em 1990 eis que surge outro ataque. A Cova do Vapor, depois de ter passado tantos anos a lutar contra a força das marés, via então a sua sobrevivência ameaçada com o projecto de construção do novo porto de Lisboa. Tal projecto previa o assoreamento da zona de mar situada entre a aldeia e o Farol do Bugio para que se pudesse construir nessa zona todas as infraestruturas necessárias ao porto. No entanto, o peso da burocracia e a habitual lentidão deste tipo de projectos, para a qual tem contribuído a forte oposição dos ecologistas, tem deixado relativamente tranquilos os moradores da Cova do Vapor.

Sem pai nem mãe

Quanto à própria existência da aldeia, também não tem sido muito pacífica. O local onde a Cova do Vapor está erigida tem sido alvo de alguma controvérsia. Segundo os responsáveis da Comissão de Moradores, o terreno pertence à Marinha e têm a autorização dessa entidade para lá viverem. Mas por outro lado a Câmara Municipal não reconhece esse direito, não existindo por isso nem estradas alcatroadas nem água canalizada.



As casas da Cova do Vapor são muito pequenas parecendo de brincadeira.

Apesar de todos estes contratempos os habitantes da Cova do Vapor não cruzam os braços. Com o seu próprio empenho e dinheiro vão aos poucos construindo alguns edifícios de interesse público para a terra, caso do mercado, que serve igualmente de espaço de convívio, bar e salão de festas, e um parque infantil. Os nomes das ruas foram colocados pelos próprios habitantes, havendo casos de aparecerem inscrições de antigos moradores que ninguém sabe muito bem quem foram. Depois podemos vislumbrar pequeníssimas artérias que possuem nomes pomposos como Quinta Avenida ou Avenida dos Milionários.

No Inverno vêm-se poucas pessoas na Cova do Vapor, somente alguns pescadores ou idosos que resolveram passar o

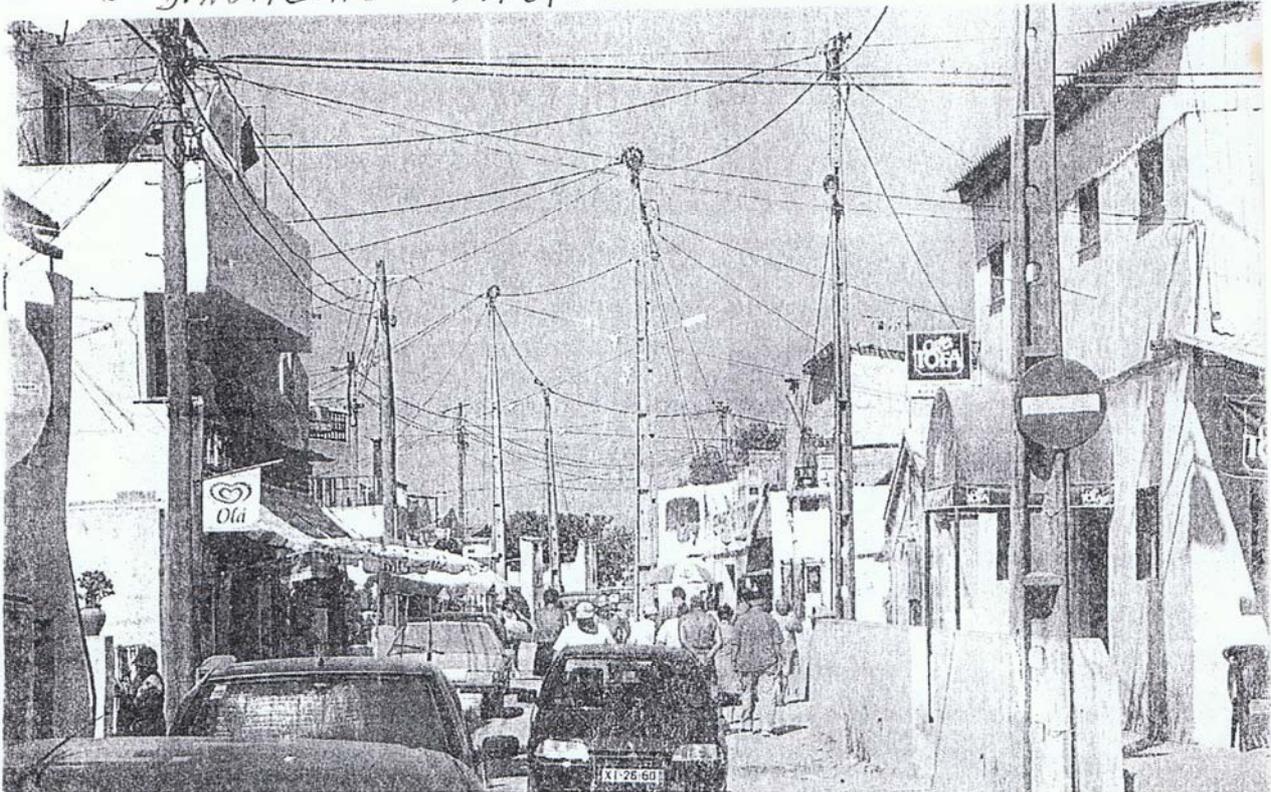
seu tempo de reforma por aquelas bandas. Quanto ao Verão a algazarra é muito grande, principalmente aos fins-de-semana quando todos querem ir apanhar alguns banhos de sol e de mar na praia que fica mesmo ao pé. Durante essa altura um grande número de casas são alugadas a veraneantes.

Mas há cerca de cinco anos a agitação ainda era maior. Junto à Cova do Vapor existe um extenso pinhal que é propriedade de uma urbanizadora e onde era comum a prática de campismo selvagem, abastecendo-se esses turistas na Cova do Vapor. Essa prática está agora completamente proibida e o pinhal está cercado por redes, lamentando-se assim os habitantes da Cova do Vapor da queda do negócio recordando que os campistas selvagens não faziam mal a ninguém.

Apesar de todos os contratempos a vida continua serena nessa pequena aldeia encolhida entre o oceano e o rio Tejo. Agora que a força do mar já não é um obstáculo, resta esperar para saber quando tempo mais vai resistir a Cova do Vapor aos outros ataques.



O mercado é uma das obras feitas pela Comissão de Moradores.



FUTURO. Os moradores gostavam de ter melhores condições, pelo menos alcatrão nas ruas, mas contestam qualquer ideia que passe pela demolição de casa

URBANISMO

O Algarve da Cova do Vapor

A desordem reinante na construção deste bairro clandestino situado à beira-mar, na freguesia da Trafaria, parece não afectar os moradores. «Este é o nosso Algarve», dizem os residentes

■ C. V.

Habitções de formatos e cores diversas, construídas em materiais variados, amontoam-se desordenadamente ao longo de «ruas» e corredores em terra batida e cascalho. As casas abarracadas parecem dividir entre si o seu periclitante equilíbrio, de tão juntas estarem em alguns locais. Esta podia ser a descrição de um qualquer bairro de lata, mas trata-se da Cova do Vapor, nome dado a um bairro clandestino localizado frente à praia com o mesmo nome, na Trafaria.

A zona pertence ao concelho de Almada, tem uma vista privilegiada da barra de entrada no rio Tejo e a praia é frequentada por numerosos banhistas, mas os primeiros moradores da Cova do Vapor eram pescadores. Caso do senhor Augusto, que diz habitar ali há cerca de 60 anos.

Segundo Hernâni Pereira, da Associação de Moradores, nesses tempos primordiais da Cova do Vapor, o areal estendia-se até muito perto do Bugio e as primei-

ras casas foram construídas mesmo na linha de costa. Com o avanço do mar, as habitações foram recuando e ocupando os terrenos da mata, então pertencente à fábrica de explosivos da Trafaria. José «da Mata», guarda daquela área durante mais de 50 anos, lembra como «o chefe da fábrica, a pedido dos pescadores, me mandava marcar os terrenos para eles construírem as casas».

A desordem reinante no bairro é resultado deste processo. As casas de madeira eram colocadas em carroças puxadas por juntas de bois – e, posteriormente, pelo tractor do «Manel da Fruta» – para serem transportadas e adaptadas ao espaço delimitado no terreno. «As casas eram sobre estacas e nas marés grandes o mar corria na rua principal», recorda Hernâni Pereira.

Outra grande explosão de construções deu-se após o 25 de Abril. Pessoas vindas de locais variados, algumas das quais tinham por hábito ali passar férias, decidiram mudar de «armas e bagagens» para a Cova do Vapor, con-

tribuindo para a aglomeração, à medida que as habitações «esticavam» os seus domínios com novos anexos e quintais. Na altura do Copcon houve alguns casos de demolição, ao que se seguiu nova vaga de edificações, com os resultados visíveis actualmente.

Contaram-nos que, antes do 25 de Abril, um grupo de estudantes universitários quis ali construir morada. Segundo Hernâni Pereira, «depois veio a PIDE e levou toda a gente presa».

Quanto à origem do nome Cova do Vapor, as opiniões divergem. Hernâni Pereira diz que é porque os barcos, vindos de Lisboa, atracam na zona, enquanto Augusto remete para a Segunda Guerra Mundial. Assegura que «quando Salazar fornecia os alemães, até os hidroaviões paravam numa lagoa que havia perto do Bugio, só que os ingleses descobriram e atiraram ao fundo um vapor carregado de produtos que ali estava ancorado». Este incidente terá dado o nome ao bairro.

Verdade ou não, é certo que a Cova do Vapor tem uma história

histórias... e de curiosidades. Como aquele corredor no qual uma parede coberta de azulejos de cor berrante ostenta a toponímia de «Avenida dos Milionários», ou aquele outro a que chamam «5.ª Avenida», apesar de ter escassos metros.

As próprias casas parecem ter identidade própria. Alguns «títulos» evocam as telenovelas brasileiras, como «Escrava Isaura» ou «Casarão», e outros clássicos – como a casa de Hernâni, a que deu o nome de «Monte dos Vendavais». Outras ainda falam da realidade, como o «Solar dos Tesos» ou também remetem para o idílio sonhado à beira-mar, como a «Pousada da Sexta Felicidade».

Os moradores não escondem que gostavam de ter melhores condições, pelo menos alcatrão nas ruas, mas contestam qualquer ideia que passe pela demolição de habitações por forma a ordenar o bairro. O sr. Pacheco, da Associação de Moradores, diz que «este é o nosso Algarve» e a sua aparência, reflecte, «é que faz a

Figura 7 - Reportagem sobre o Bairro; Fonte Jornal Diário de Notícias 14/08/2000

UMA RELÍQUIA CHAMADA COVA DO VAPOR

Junto à barra do Tejo há uma aldeia que andou décadas com as casas às costas, ao sabor dos caprichos do mar. E lá onde ficou, na freguesia da Trafaria, há agora uma espécie de Portugal dos Pequenitos, uma autêntica relíquia urbana e social. *Por José António Cerejo (texto) e Carlos Lopes (fotos)*

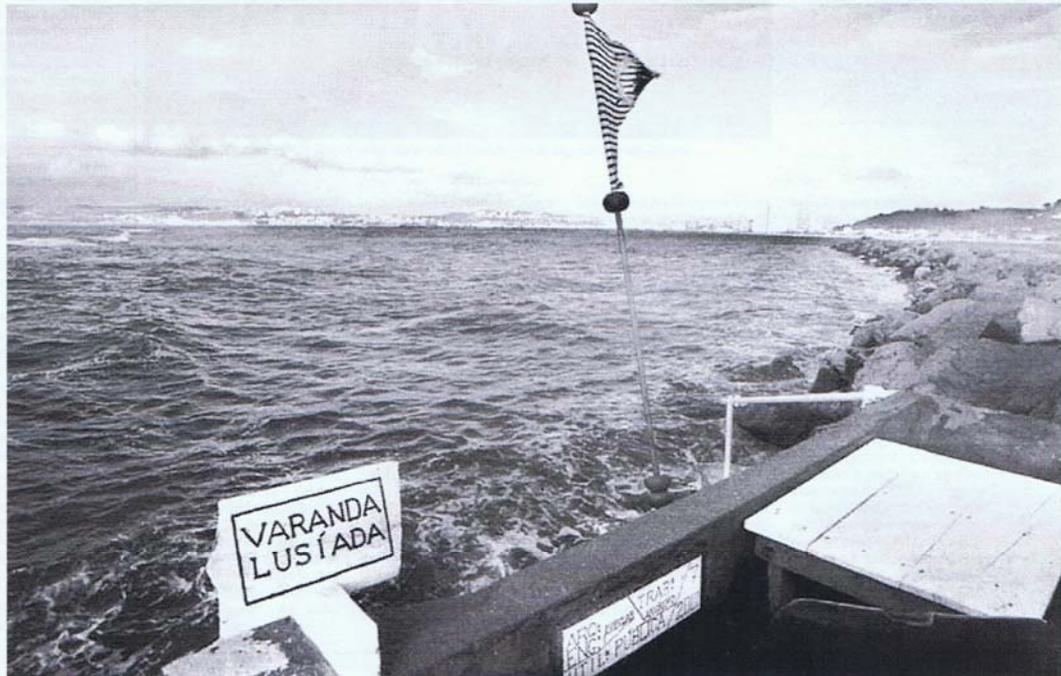
A meio caminho entre a terra e o Bugio, onde o mar encapela do engole o Tejo e se desfaz em espuma branca, havia casas e havia gente. Havia barcos e pescadores, vapores e veraneantes. Era terra de marítimos, a outra banda de quem não podia ir mais longe, "o Algarve dos remediados", a Cova do Vapor, a Lisboa Praia de há meio século atrás.

Empurrada pela braveza do mar, a povoação foi recuando, ano após ano, para as matas que a encurralavam nas franjas do areal. Durante décadas, até ao 25 de Abril, a luta foi sem quartel. "O mar batia e a gente fugia. Trazíamos as casas para trás, mas ele não parava", conta um velho pescador. As primeiras pedras para os esporões que domaram as vagas e estabilizaram a aldeia no local onde agora se encontra foram trazidas pelo exército, pouco depois de 1974. "Foi o MFA [Movimento das Forças Armadas] quem as trouxe para cá", diz Guilherme Pais, um reformado da Lisnave e vice-presidente da Associação de Moradores.

A Cova do Vapor é hoje um vestígio de outros tempos, uma espécie de Portugal dos Pequenitos, uma aldeia como que em miniatura, um emaranhado de casas e casinhas, muitas delas ainda de madeira, encavalladas umas nas outras, condenadas pelo mar a disputar o magro espaço livre. Destroçados pelo oceano que lhes devorava o chão, aos moradores só restava uma escapatória: a densa mancha verde que rodeava a antiga Fábrica de Explosivos da Trafaria, a mata cujos proprietários, amigos e espanhóis, iam cedendo metro a metro, mais uma nesga de cada vez que as ondas faziam novas destruições.

"O meu sogro era dono do Bar Atlântico e teve de mudar a casa sete vezes", lembra um dos residentes. "Quando o mar começou a comer isto, aqui há uns cinquenta anos, as barracas de madeira que estavam a um quilómetro do Bugio tiveram de ser arrastadas por juntas de bois. O Manel da Fruta é que mudava as casas. Umas desmontavam-se, outras vinham inteiras", lembra Hernâni Pereira, o presidente da Associação de Moradores.

"Quando as ondas vinham por aí dentro, o engenheiro Roger, que era genro do D. José da fábrica, punha-se em cima de uma duna e gritava para a gente: Agora podem avançar [com as casas] até acolá. Era



Os residentes da Cova do Vapor habituaram-se a viver em comunhão e na dependência dos caprichos do mar

Futuro incerto

A Cova do Vapor ocupa hoje uma área de futuro indeterminado. Questões de propriedade dos solos onde as casas foram erguidas e lógicas de protecção ambiental que colidem com a história da povoação e com os interesses dos moradores estão a constituir-se como um motivo de preocupação de quem lá vive. A situação, porém, está ainda por esclarecer. Depois de algumas notícias recentes apontarem para a demolição obrigatória de uma parte da aldeia, o Instituto da Conservação da Natureza disse há dias ao PÚBLICO que o Plano de Ordenamento da Orla Costeira da Zona Sintra-Sado se encontra ainda em elaboração, pelo que são prematuras todas as conjecturas sobre aquilo que ele venha a determinar para a área que abrange.

sempre assim...", acrescenta o velho Hernâni — um reformado que fez muitas épocas como nadador-salvador e durante 34 anos foi soldador na Carris, em Lisboa.

Mas se os invernos eram de desespero e medo, os Verões continuavam a atrair mais e mais banhistas. E se o espaço já faltava para os residentes permanentes, a pressão dos que se queriam instalar para fins de semana e férias, fazia com que a povoação se fosse tornando um labirinto de ruelas, becos apertados e casas cada vez mais pequenas.

O tempo da paródia e das patuscadas

"Isto era tudo pessoal da banda de lá. Eu morava no bairro da Liberdade [em Campolide] e vinha para aqui acampar há muitos anos. Vinha a família, vinham os amigos, vinha tudo atrás de uma caldeirada ou de uma bacalhauzada." Era o "tempo da paródia e das patuscadas", diz José Talamba, 73 anos, que se instalou definitivamente na Cova do Vapor quando se reformou e que ain-

da conheceu o "Flecha" — "o vapor que trazia a malta até lá para 1960, até o mar dar cabo do cais".

Como muitos dos seus vizinhos, o pedreiro Talamba começou a fazer a casa em 1975 e serviu-se abundantemente das sobras da sua profissão. Os azulejos que ia arranjando serviram-lhe para revestir as paredes exteriores, não olhando a cores, formas, ou tamanhos.

"Depois do 25 de Abril houve aqui um certo desordenamento, mas também o houve em todo o país e ainda bem", explica Guilherme Pais, admitindo a existência de "abusos" nesse período inesquecível. "Em certa altura até já estavam a construir uma pensão na mata. Teve de cá vir o Copcon [força militar dirigida por Otelo Saraiva de Carvalho no Verão de 1975] deitar tudo abaixo."

O resultado do entusiasmo desse tempo, da falta de solo para construir e da sistemática reutilização de toda a espécie de materiais disponíveis conferiu à Cova do Vapor um ambiente social e urbano úni-

co. Fortemente influenciada pela proveniência citadina e operária de grande parte dos moradores — em particular dos que aí fizeram as suas modestas residências de veraneio e se juntaram aos pescadores originais —, a paisagem local ganhou um cunho com algo de surreal e muito de pitoresco.

Na orla marítima, a meia dúzia de metros dos esporões e coladas à sinuosa e estreita via marginal, ainda dominam as casas de madeira e cores fortes construídas nos anos 40 e 50, quando o mar começou a galgar a terra. Pela exigua baixa que se estende até à vedação da vasta mata — aparentemente condenada a ser urbanizada pelos actuais proprietários — enxameiam as construções mais ou menos precárias, sempre agarradas umas às outras, expoentes de engenho e desenrascanço, às vezes sem se perceber onde é que começam umas e acabam as outras.

Duas ou três ruas de terra batida, aquelas onde estão as poucas lojas da terra, deixam passar carros. Mas o dádalo dos

caminhos serpenteia por toda a parte, com largura apenas para os assadores omnipresentes, para os canteiros da salsa e dos coentros, para um tanque de roupa ou um duche apertado. As vezes ainda com espaço para umas couves, umas flores, umas árvores de fruto, armários, estendais, e outras inventivas extensões de casas que mais parecem de bonecas.

E por todo o lado, as marcas peculiares da vizinhança marítima, das conchas e dos seixos, das artes dos serralheiros e outros mestres, gente criativa que ali moldava sonhos à medida das suas posses.

Cuidada e delicada, feita de afectos que não marcam os bairros degradados das periferias, a Cova do Vapor está longe de ser um bairro de lata ou de precárias, sempre agarradas umas às outras, expoentes de engenho e desenrascanço, às vezes sem se perceber onde é que começam umas e acabam as outras.

A Cova do Vapor é um lugar onde tudo é diferente, sem escola, centro de saúde ou vestígio de serviço público, um lugar contraditório, uma relíquia de excepção. ■

Figura 8 - Reportagem sobre o Bairro; Fonte Jornal PÚBLICO de 28/04/2002

MEMÓRIAS DA TERRA

Os “estudantes”

Indefinidos como sebastiões no meio da névoa, “os estudantes” são uma referência mítica para os mais antigos da Cova do Vapor. Ao certo, ao certo, ninguém sabe quem eles eram, de onde vinham, quantos eram, e muito menos o que os movia. A bem dizer já ninguém se lembra sequer do tempo concreto, do ano ou da década em que “eles” por ali andaram. “Cá por mim os estudantes estiveram cá por 1950 ou 1960”, alvitra Hernâni Pereira, o presidente da Associação de Moradores. “Não, isso foi mais para trás, ainda antes do Tenreiro ter dado as casas”, afixa um outro dos mais velhos residentes.

Mas o que todos recordam é a estranheza que lhes causava a solidariedade dos tais estudantes. “Eles vinham para aí muitas vezes e ajudavam os pescadores. Fizeram várias casas de madeira para a gente, mas depois veio a PIDE [polícia política do salazarismo] e deitou tudo abaixo.” Hernâni Pereira não se lembra de mais nada. Um vizinho dá uma achega: “A primeira casa que eles fizeram foi para a Margarida, uma empregada do restaurante Apolinário [também levado pelo mar]. Depois disso é que a Junta Autónoma da Casa dos Pescadores [chefiada pelo Almirante Henrique Tenreiro, um alto dignitário do Estado Novo] veio fazer dez casas para os pescadores, aí por 1945”.

A Margarida já cá não está para contar o que se passou. E os que ainda cá estão e testemunharam a generosidade dos anónimos “estudantes” já se esqueceram de quase tudo. Ou então nunca chegaram a perceber o que Salazar não queria que eles percebessem.

Um barco chamado “Flecha”

A Cova do Vapor e os vizinhos areais da chamada Lisboa Praia foram durante décadas os destinos predilectos de milhares de veraneantes lisboetas. Sobre tudo aos fins-de-semana, as estações fluviais do Cais do Sodré e de Belém enchiam-se de famílias remediadas — que as outras ficavam em casa ou já tinham horizontes mais distantes — carregadas de cabazes, cestos de piquenique, garrafas, crianças e muita alegria. O “Flecha”, o último dos navios que em meados do século passado faziam a carreira da Cova do Vapor, despejava depois centenas de pessoas ansiosas no improvisado cais existente em frente à pequena povoação. Um frágil passadiço de madeira assegurava a ligação ao areal e ao núcleo habitacional que o mar ia regularmente fazendo recuar em direcção à mata.

Uns ficavam-se por ali, em longos dias de praia, que eram também de campo e, sobretudo, de convívio e patusada. Outros acampavam precariamente, entre o mar e a mata, no Bico da Areia, para estadias mais organizadas e prolongadas. Outros, ainda, seguiam umas boas centenas de metros pelo estrado de madeira que levava à praia que agora é de São João da Caparica e que era então, simplesmente, a desaparecida Lisboa Praia. Foi assim durante muitos anos, até que os sucessivos temporais e o avanço do mar deram cabo do cais da Cova do Vapor, acabando definitivamente, em 1959, com uma ligação fluvial que ficou na memória de muita gente, associada a férias, a Verão, ao “Flecha” e aos vapores que o antecederam. Um “Flecha” que, de qualquer modo, estava condenado a perder a guerra com os automóveis familiares e com os autocarros que a Ponte 25 de Abril levaria à Costa da Caparica a partir de 1966.

A fotógrafa de Tomás

Uma discreta placa colocada no parque infantil criado pela Associação de Moradores indica um nome e homenageia uma mulher: Beatriz Ferreira. Nem mais nem menos que uma grande amiga da povoação, dona de uma casa com o nome de “Ou Tudo ou Nada”, proprietária de um restaurante de madeira que os temporais da barra do Tejo levaram várias vezes, e “fotógrafa do Américo Tomás”.

Para Guilherme Pais, vice-presidente da associação, a antiga chefe do serviço fotográfico do extinto jornal “O Século” e fotógrafa do Presidente da República era “uma grande mulher a quem a Cova do Vapor muito deve”. A ligação de Beatriz Ferreira à povoação ilustra aliás a sua opinião de que na Cova do Vapor, apesar de haver sobretudo gente modesta, “sempre houve pessoas de todos os géneros”, uns mais pobres, outros mais ricos.

Falecida há três ou quatro anos, segundo Guilherme Pais, a antiga repórter fixou ao longo de décadas o quotidiano da Cova do Vapor e a sua luta desigual contra a força do mar. Há meia dúzia de anos, com ela ainda presente, a Associação de Moradores organizou uma exposição de muitos dos seus trabalhos dedicados à sua terra de adopção.

O poder popular em acção



No bairro da Trafaria as casas são feitas de restos das obras e de afectos

COVA DO VAPOR EM NÚMEROS

- Casas: Cerca de 350, das quais umas 90 habitadas em permanência
- Habitantes permanentes: Cerca de 200
- Pescadores profissionais residentes: Cerca de 20
- Crianças que vão à escola à Trafaria: Perto de 30
- Sócios da Associação de Moradores: A volta de 400

Vinte e oito anos depois do 25 de Abril, há marcas que permanecem vivas, símbolos que o tempo não desfez. Na Cova do Vapor, o poder popular, visto como uma emanação activa e participada da comunidade local, perdura de uma forma pujante e surpreendente.

São 11 horas de uma manhã de sábado no pavilhão que serve de sede à Associação de Moradores. Os sócios, cerca de 95 por cento da população, quase que fazem bicha: vêm pagar as quotas. Paredes meias com a sede, o posto de socorros, que no Verão constitui o único serviço de assistência aos banhistas, ostenta uma placa de pedra: “Património das Associação de Moradores da Cova do Vapor”. Ao lado,

o pequeno campo de jogos e o parque infantil são da associação. O mercado, que é também sala de convívio, restaurante e café, tem o nome “25 de Abril de 1974” e é propriedade da Associação de Moradores — uma estrutura criada a partir da antiga Comissão de Moradores.

À entrada da terra, o posto transformador de energia eléctrica exhibe uma inscrição onde se diz que foi inaugurado pela Comissão de Moradores em Abril de 1986. Mais adiante, à beira-mar, o mini-jardim que não chega a sê-lo foi feito pela Associação de Moradores, já em 1996. As fossas subterâneas que armazenam as lamas e as águas pluviais foram construídas pela associação. E quando as casas

das ruas mais baixas se inundam, são as suas bombas que as esvaziam. Mas se o problema for de tensão arterial, na sede também há maneira de a medir.

E, para que não restem dúvidas da natureza desta forma de organização, as vitrinas expostas em duas ruas da terra e na sala de convívio da associação informam sobre tudo o que a ela respeta. Desde o elenco directivo, que inclui um representante dos pescadores e outro dos comerciantes, com as fotos a cores de todos eles, até ao boletim “Ecos da Cova do Vapor”, ao “mapa de exploração” e ao resumo do “movimento financeiro da associação” está lá tudo. Até as admoestações da Assembleia Geral aos sócios que se

envolveram numa discussão na sala de convívio.

E também lá se explica que a associação organizou uma festa de Natal com distribuição de brinquedos às crianças, tratou da festa do Carnaval, paga mensalmente ao varredor que limpa as ruas e assegura a presença de nadadores-salvadores na praia.

Mais do que isso, a associação controla as obras particulares, representa a população junto da Câmara de Almada e da Junta de Freguesia da Trafaria e dispõe de uma autoridade reconhecida por todos. “Aqui lutamos pelo bem-estar das pessoas e aí daquele que vier para cá com política partidária”, avisa Guilherme Pais, o vice-presidente. ■ J.A.C.

Companhia Carris de Ferro de Lisboa

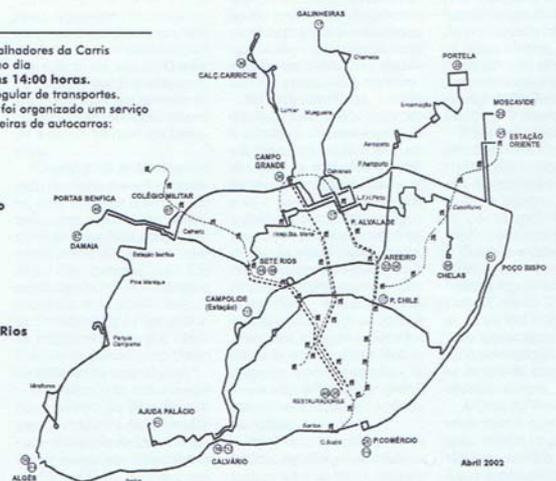
carris

Aviso

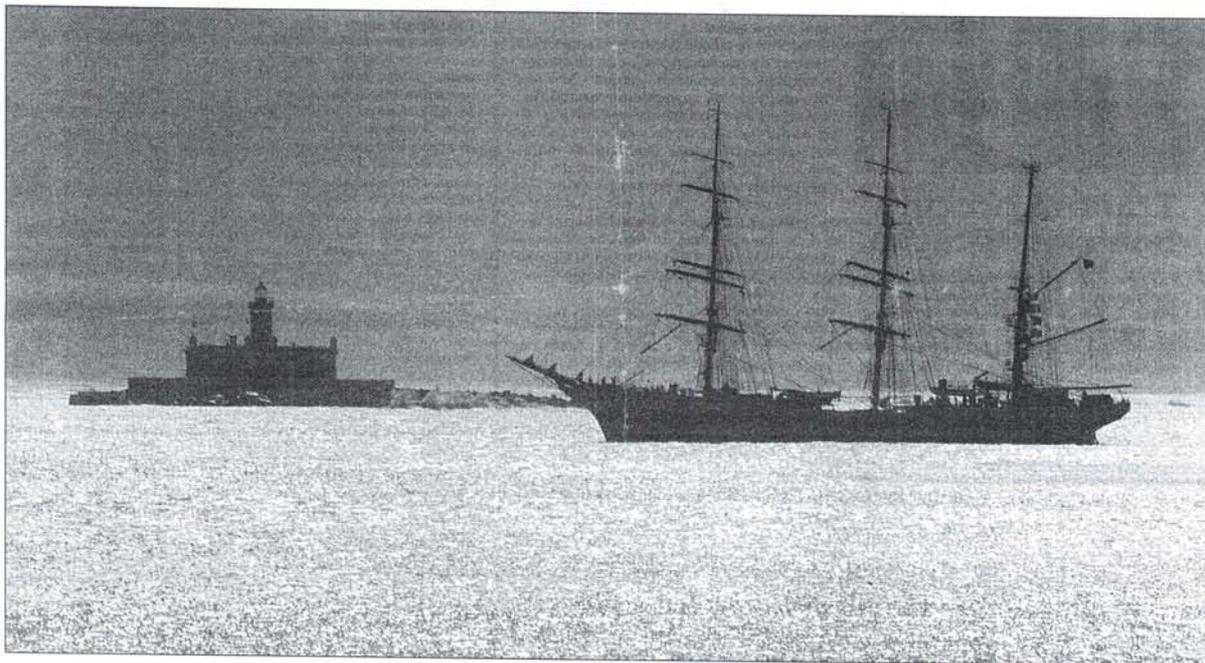
Alguns Sindicatos representativos dos trabalhadores da Carris marcaram uma paralisação, para o próximo dia 29 de Abril (2.ª Feira) entre as 11:00 e as 14:00 horas. Prevê-se alguma perturbação no serviço regular de transportes. Com vista a minorar estes inconvenientes, foi organizado um serviço mínimo alternativo, com as seguintes carreiras de autocarros:

- 17 - Galinheiras - P. Alvalade
- 22 - Portela - Areeiro
- 28 - C. Carriche - Campo Grande
- 36 - C. Carriche - Campo Grande
- 42 - Ajuda (Palácio) - Poço Bispo
- 46 - Portas Benfica - Sete Rios
- 50 - Algés - Estação Oriente
- 56 - Calvário - Areeiro
- 67 - Damia - Colégio Militar
- 68 - Chelas (P. Ed. Mandlane) - Sete Rios
- 112 - Campolide (Est.) - Calvário
- E15 - Algés - P. Comércio

Para mais informações:
 Telefone: 21 361 30 54
 linha.aberto@carris.pt
 www.carris.pt



COVA do Vapor



As casas que viajaram sobre o mar

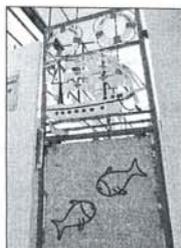
Ao largo, onde o Tejo se faz Atlântico e o Farol do Bugio é horizonte, na língua de areia que só se avista quando a maré desce ao seu ponto mais baixo, existiu um emaranhado de casas construídas mais pelo jeito do que pela arquitectura. Umas de pescadores, outras de veraneantes que ali descobriam o recanto sob o sossego do sol e o espraizar das ondas.

Há cerca de meio século, ia-se a pé do Bugio à Costa de Caparica, e os cacilheiros ligavam o Cais do Sodré àquele pedaço de areal a que chamavam Lisboa Praia. Ao amontoado de casas de madeira suportadas junto ao Farol chamavam Cova do Vapor, e ali chegavam gentes de toda a parte. Então, foi-se construindo um pequeno povoado.

Naqueles tempos, a obra do desenvolvimento media menos os impactos futuros e, com o cais do Poço do Bispo e Xabregas a requererem matéria-prima, a língua de areia entre o Farol do Bugio e a margem atlântica de Almada foi-se esgotando. Anos depois, era a praia do Tamariz, no Estoril, que entrava na moda, e a falta de areia próximo da baía de Cascais seria compensada com toneladas arrancadas ao areal das praias Norte da Costa de Caparica. E o mar começou a romper a fronteira das casas da Cova do Vapor.

A sorte de conviver com o mar deu força às gentes desta localidade para contrariarem os efeitos da natureza traída pelo desenvolvimento e lazer de outros da mar-

gem direita do Tejo. Por obra do engenho popular, ao passo que a areia era levada em camionetas e o mar arrebatava a que restava, as casas de madeira iam recuando em direcção à margem da Costa de Caparica. Lembra quem ainda resta desses tempos, que o Manel da Fruta construiu um carro com grossos troncos que, puxado por bois, ia trazendo as habitações em fuga ao mar. Casas houve que por sete vezes foram montadas sobre os cepos e trazidas pela força dos animais.



► Caravela à porta de casa

E quando não havia mais língua de areia entre o Bugio e a margem da Costa de Caparica, a Cova do Vapor instalou-se na mata da antiga Fábrica de Explosivos da Trafaria. Uma concessão feita pelos antigos proprietários sob a condição de que as casas de madeira neste material iriam permanecer.

Mas as casas de madeira, quase encavalitadas umas nas outras, deram lugar ao tijolo. E as ruas estreitas, onde não falta o querer de grandeza por um lugar a que muito se quer, receberam nomes a que outros não lembraria.

Perto da casa da Comissão de Moradores entra-se na 5ª Avenida, que não é mais do que a largura de homem de braços abertos, curva até ao mar. O nome rebuscado à grande avenida nova-iorquina tropeça noutros como a Rua dos Milionários, ou em outras mais modestas, como a Rua dos Tesudos. É a Cova do Vapor construída por populares que não esqueceram os seus nas artérias que a cruzam. Beatriz Ferreira, jornalista de "O Século" que registou em película este casario - espólio que parece estar perdido - deu o nome a um parque infantil, infelizmente pouco cuidado.

Hernâni Pereira, um homem que por sete vezes viu a sua casa sobre um carro de bois, foi reconhecido com o nome de uma artéria. Ou João Dias Mourinha, um grande parodiante local que deu o nome a uma rua de terra batida, como aliás são todas, que separa o povoado do mar. Esta é uma rua onde se pode observar um dos menores que mais caracterizam a Cova do Vapor de hoje, o génio de decorar com arte a casa que se quer de sempre. Em chapa e ferro forjado, pintado de azul, branco e vermelho, um portão, depois de dois degraus, exhibe em recorte uma caravela de velas ao vento. No topo há duas bóias e por mançaneta um peixe, separando um pequeno corredor cimentado que

conduz a uma habitação escondida entre outras.

No aglomerado da Cova do Vapor, onde residem 200 famílias em casas multicolores decoradas a azulejos, na Rua do Parque, José Pacheco, com a paciência que só o sol e o mar podem oferecer, forrou de conchas e búzios a frente da sua casa. Um trabalho que levou às paredes interiores.

E não só de casas se faz a história de uma localidade que envolve um bairro de pescadores mandado construir por Henrique Tenreiro, o "ministro do bacalhau" no tempo de Salazar. Dos antigos moradores deste bairro já poucos restam, e conta-se a história de Artur Rodrigues, o 111, alcunha que lhe

veio por, em tempos, fazer sempre 111 escudos na pesca.

Esta é a Cova do Vapor que ainda existe, lugar cada vez mais procurado pelo pitoresco e pela vontade de encontrar casa durante um mês de férias. Um lugar que, no entanto, parece ter o fim marcado, desta vez não pelo "roubo" de areia, mas pelo desenvolvimento em abono da qualidade. A Costa de Caparica turística que se pretende, talhada pelo Plano de Ordenamento da Orla Costeira e pelo Polis, não é complacente com lugares como a Cova do Vapor. Será que, acauteladas algumas imposições de ordenamento, a História não poderá conviver com o futuro?

Humberto Lameiras

► Avenida dos Milionários

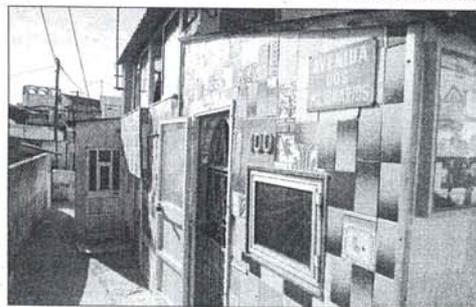


Figura 9 - Reportagem sobre o Bairro; Fonte Jornal da Região Almada 15/10/2003

Lisboa

A Cova do Vapor está ameaçada pelas águas que invadem os areais e destroem as casas

O pequeno aglomerado de casas de madeira que constitui a Cova do Vapor e a Lisboa Praia, pora juzante da Trafaria, está ameaçada pelas águas vivas das últimas marés. O mar, por um lado, e a corrente do Tejo, por outro, põem em perigo a existência daquelas duas modestas povoações, que constituem o logradouro de muitas famílias de trabalhadores lisboetas, impossibilitadas de procurarem, no Verão ou nos dias soalheiros de Inverno, outras estâncias de repouso. Com razão, ou sem ela a verdade é que os moradores temporários da Cova do Vapor atribuem o perigo que ameaça a povoação às avultadas quantidades de areia que dali têm sido extraídas nos últimos tempos, para várias obras em curso na margem direita do Tejo e até para a praia do Estoril.

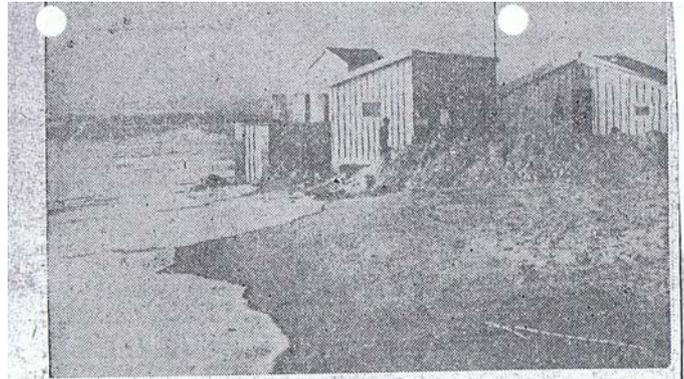
É recente a fundação da Cova do Vapor. Há de haver, talvez, uns quinze anos que alguns grupos de populares se afastaram das praias da Trafaria e da Caparica, buscando nos areais mais próximos do Bugio o isolamento próprio para as suas excursões domingueiras ou para os modestos veraneios das suas escassas férias. A pouco e pouco, foram surgindo ali as barracas de madeira, implantadas sem preocupações urbanísticas, sem grandes cuidados arquitectónicos. Uma pequena enseada, aberta pela «chupadoura», que ali fora buscar areia para as grandes obras do porto de Lisboa, proporciona excepcionais condições de atracção para os modestos veraneantes e um abrigo excelente, que começou a atrair os amadores de vela e da pesca.

No local, foi surgindo, assim, lentamente, uma pequena povoação, sem a disciplina dos arruamentos geométricos, a que a construção de uma ponte de atracção e o estabelecimento de carreiras da Parceria deram, definitivamente, condições de vida.

Hoje, a Cova do Vapor, virada ao Tejo, e Lisboa Praia, com face ao Oceano, constitui já um aglomerado da população, que alcança, sobretudo, no Verão, certa importância, devido às condições favoráveis do aluguer do terreno—pago a 2500, por ano, o metro quadrado—sem mais formalidades do que uma licença relativamente fácil de obter na Capitania ou na Administração Geral do Porto de Lisboa, conforme a casa. Muitos operários construíram ali, por suas próprias mãos, os seus pequenos «bungalows», mas, entre as quatro centenas de casas que se erguem no vasto areal, destacam-se já algumas casitas mais cuidadas, dalgum novo veraneante mais endinheirado.

A população das duas povoações gêmeas tem, principalmente, caracter temporário. A maioria dos seus habitantes só no Verão ocupa as casitas de madeira construídas sobre a areia, a curta temporada dos seus contados dias de férias, ou num período subsequente, em que, por uma noite tranquila, à beira-mar, se pagam corrérias e as canseiras de um vai-vem incómodo para Lisboa. De contrário, só nalguma visita domingueira se abrem as portas das simpáticas casinhas e as duas minúsculas povoações retomam uns ares de vida, com certa animação nos seus improvisados estabelecimentos.

Recentemente, as necessidades de areia para obras de grande vulto, em que a Administração do Porto de Lisboa está empenhada, obrigaram a novas extracções de areia no local, considerado o mais próprio para o efeito. Os trabalhos, que se verificaram, principalmente do lado do Tejo, provocaram um desgaste demasiado, que prejudicou a estabilidade dos areais, de tal modo que as águas, encontrando menor resistência, começaram a sua perigosa invasão. Nos últimos dias, com o mar mais picado e as marés vivas, foram arrasadas algumas barracas e outras estão em perigo iminente, uma ameaça que se estende sobre todo o aglomerado, invadido, em três ou quatro pontos, pelas ondas revoltas. Proprietários dalgumas barraquinhas situadas na zona mais perigosa procederam já á sua transferência, mas a ameaça prossegue, com tal capricho que não se pode prever até onde irá a destruição do mar. Terão a Cova do Vapor e a Lisboa Praia os seus dias contados? Em nome dos modestos habitantes das duas povoações, erguidas pelas suas mãos, chamamos a atenção das entidades competentes, na esperança de que seja possível encontrar uma forma de deter o avanço destruidor das águas.



Subindo cada vez mais, nas marés próprias da época, o mar atinge já seriamente algumas das casas da Cova do Vapor. Não seria possível autorizar que os seus proprietários as desloquem para outra zona, já que se trata de casas desmontáveis e que se torna fácil evitar a sua destruição?

O mar ameaça numerosas casas NA COVA DO VAPOR

A Cova do Vapor, a juzante da Trafaria, pequeno aglomerado de barracas e de casas de madeira, está ameaçada pelas águas vivas das últimas marés. O mesmo acontece com a Lisboa-Praia,

que fica próxima. Atribuem os habitantes das duas localidades a razão do perigo que sobre elas paira às avultadas quantidades de areia extraídas dum e doutro local para obras na margem direita do Tejo.

Tanto a Cova do Vapor como a Lisboa-Praia adquiriram certa importância, sobretudo no Verão, quando os veraneantes as procuram, havendo ali quatrocentas barracas e casas, pertencentes quase todas a modestos operários.

LER:
Ultimas notícias
na 6.ª página

(CONTINUA NA 2.ª PAGINA)

Figura 10 - Noticia sobre mau tempo; Fonte : Diário da Manhã 14/11/1950

NA COVA DO VAPOR

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

Houve recentemente necessidade de areia, por parte da Administração do Porto de Lisboa, para obras que tem em curso. Esse material foi extraído da Cova do Vapor, o que deu em resultado as águas invadirem o areal, por encontrarem menor resistência á sua progressão. Assim se tem verificado nos últimos dias de mar picado. Algumas barracas ficaram arrasadas e outras estão em perigo iminente, pois o aglomerado areoso foi invadido em três ou quatro pontos pelas águas revoltas. Alguns proprietários procederam já á remoção das suas barracas, mas a ameaça continua latente.

Desaparecerá o areal em que se improvisaram as duas localidades? Ou haverá maneira de ainda se poderem tomar providências?

A COVA DO VAPOR E LISBOA-PRAIÁ

ameaçadas pelas águas do mar

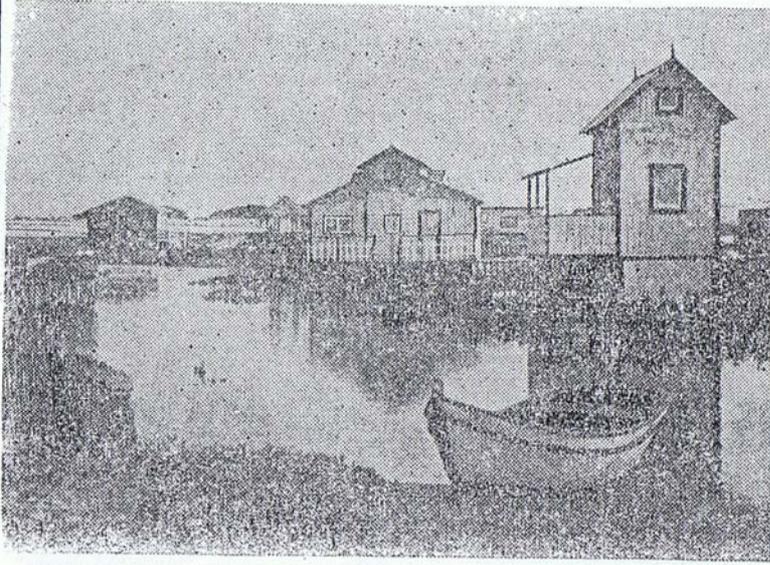
Em Setembro, com as marés vivas, verificou-se que as águas ameaçavam algumas das barracas da Cova do Vapor e da Lisboa-Praia, dois aglomerados de pequenas vivendas de madeira que no Verão registam sempre grande afluência de banhistas. O caso, como é natural, alarmou os proprietários das referidas casas, na sua maioria empregados e operários de poses reduziadas. Alguns deram-se mesmo ao cuidado de transferir as barracas para pontos mais afastados das águas. No entanto, parece que essas precauções não são suficientes, pois agora, novamente, as marés vivas põem em risco aquelas instalações. O mar conquistou já meio quilometro da praia e estão em perigo iminente de desaparecimento varias barracas. E' de presumir que qualquer temporal venha por breve termo ás referidas praias.

D.N. 14/11

Figura 11 - Noticia sobre mau tempo; Fonte D.N.14/11/1950

Figura 12 - Noticia sobre mau tempo; Fonte: Diário de Lisboa de 13/11/1950

E' conveniente acudir depressa À COVA DO VAPOR



Bastará, cremos, a realidade que esta foto apresenta, para demonstrar a urgência reclamada pelo problema da Cova do Vapor

Já o dissemos há dias. A Cova do Vapor, por consequência de várias circunstâncias, está a ser invadida pelo mar. E as próximas marés terão, por certo, efeitos desastrosos para a numerosa série de casas de veraneio ali existentes, se a sua remoção para sítio abrigado não for autorizada rapidamente.

Ao que nos dizem numerosos leitores, o caso depende dos Serviços Florestais, visto que a transferência das casas poderá ser efectuada para terreno submetido ao seu regime. O caso parece-nos digno de ponderação urgente, já que não há (afigura-se-nos) o menor interesse em deixar que as pequenas moradias estivais sejam destruídas. A foto que publicamos é elucidativa. A água já envolve as residências. Nas próximas marés, sempre impetuosas e subindo muito, poucas serão as que poderão escapar à inevitável violência das vagas. E tudo, afinal, poderá ser resolvido, sem perda de bens e sem aumentar o coro de lamentos que chegam até nós, e aos quais parece justo dar ouvidos. Daqui apelamos para o ilustre Ministro da Economia, na certeza de que, sempre atento a todas as questões justas, dará ao assunto a solução mais conveniente.

Figura 13 - Notícia sobre mau tempo; Fonte Diário da Manhã de 16/11/1950

A NOITE PASSADA...

O MAR ENFURECIDO

DESTRUIU OU DANIFICOU 40 BARRACAS da Costa da Caparica e da Cova do Vapor

Há pouco tempo ainda, o nosso jornal chamou a urgente atenção de quem de direito para a obra de destruição que o mar tem operado nas praias da Costa da Caparica e da Cova do Vapor — a Lisboa-Praia foi já totalmente destruída. Referimos, então, que uma escada de acesso à praia da Caparica fora levada pelas ondas. E previa-se que, com o próximo Inverno, agora decorrendo, se teriam de lamentar mais graves consequências, que a fraca e efêmera protecção de um dique de areia, construído, aliás, com lentidão, conseguiria evitar.

Passados três meses, vemos concretizadas — infelizmente para os que, sem qualquer culpa, são atingidos pelo desastre — as previsões de então. Depois de uma semana em que as águas causaram vários prejuízos, a noite passada...

(Continua na 7.ª pág.)

OLHANENSE — Ab: Rui, Nunes, Madela e Nuno, Parra, G.

... A bola de saída pertenceu aos locais, que imediatamente se lançaram no ataque, criando lances de perigo para a defesa visitante.

O Farense, com o vento de feição, contra-atacava sempre que podia e, diga-se de passagem, que as suas ofensivas também eram perigosas.

Ao quarto de hora o jogo fazia-se em lances alternados de ataque desenvolvidos pelos contendores e assim decorreu até que aos 27 minutos inactivo, com um remate fraco, que parecia defensável, obteve o primeiro golo do encontro.

(Continua na 16.ª pág.)

O estado em que ficaram algumas das barracas da Cova do Vapor atingidas pelo temporal da noite passada

«DIÁRIO POPULAR»

A MARGARINA «CHEFE»

VER NA CAMPANHA AL PARA OS POBRES CUPÃO QUE PUBLICAMOS ARTADO 357 — LISBOA 6

Figura 14 - Notícia sobre mau tempo; Fonte Diário Popular de 14/12/1958

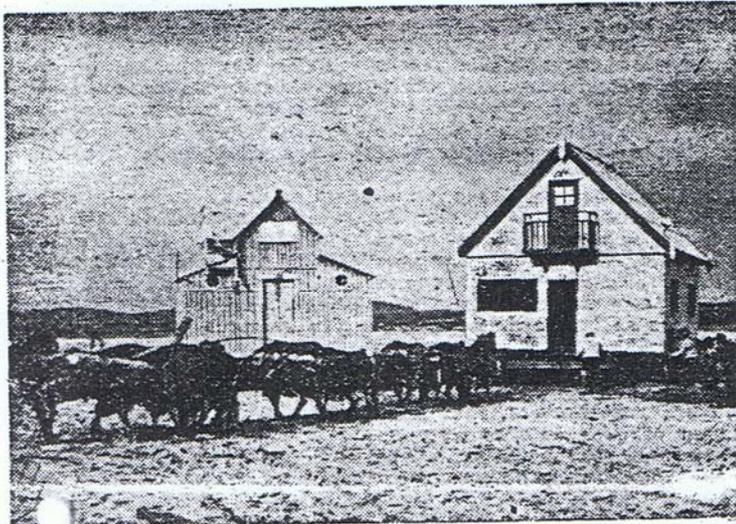
17-1-51

DIÁRIO POPULAR

NOTÍCIAS DA CAPITAL

VAI DESAPARECER A COVA DO VAPOR

ONDE MUITOS LISBOETAS SE REFUGIAM
DURANTE OS MESES DE VERÃO?



A Cova do Vapor, agora mais do que nunca batida pela furia das águas revoltas do Atlântico, parece condenada a desaparecer — como já aqui acentuámos — num futuro próximo.

Praia popular por excelência, onde tantas famílias de Lisboa procuram, há muitos anos, refugio para os rigores da canícula — ou vivendo ali grande parte do Verão, ou limitando-se a passar os «fins de semana» em barracas de madeira, muitas delas de agradável aspecto e relativamente confortáveis — a Cova do Vapor, pelas suas magníficas condições naturais, conquistara o favor das multidões.

Além dos seus veraneantes habituais, a praia vizinha da Caparica, beijada pelas águas do Tejo e do Atlântico, regista em todos os domingos do Verão uma afluência extraordinária. Gente que leva uma semana inteira a trabalhar, delicia-se na Cova do Vapor com um dia de folga, tranquilo e bem passado — comendo e bebendo e tomando o seu banho reparador...

Mas as águas invernosas estão a invadir o aprazível lugar da Cova do Vapor — fazendo desaparecer, aos poucos, a praia e pondo em risco e inutilizando, até, as suas habitações, de madeira.

As imagens que ilustram esta notícia são eloquentes. Alguns veraneantes, na iminência de ficarem sem as suas barracas, viram-se forçados a deslocá-las, rebocando-as com juntas de bois, para locais aonde as águas do mar não cheguem. Algumas dessas barracas, porém, não escaparam à furia do vendaval. Como a sua deslocação é demorada, ficaram a meio caminho. E, durante a noite, o mar completou a sua obra de destruição.

Figura 15 - Notícia sobre mau tempo; Fonte Diário Popular 17/01/1951

Figura 16 - Notícia sobre mau tempo; Fonte
Diário Popular de 14/12/1958



A esplanada «Ponto Azul», pequena restaurante da Costa de Caparica, ficou praticamente destruída, ao ser atingida por uma grande vaga.

A VIOLÊNCIA DO MAR NA COVA DO VAPOR E COSTA DE CAPARICA

(Continuação da 1.ª pág.)

sada o mar destruiu cerca de duas dezenas de barracas e danificou outras tantas na Caparica e na Cova do Vapor. Interessa, por isso, aproveitar a oportunidade para perguntar: consentir-se-á que a destruição continue até ao fim, até quando a furia do mar já não encontre mais casas para esmagar?

Um casal e um criança surpreendidos pelas vagas salvaram-se a custo

Estivemos esta manhã na Costa da Caparica e na Cova do Vapor apreciando as consequências graves das últimas arremetidas do mar, em especial na noite passada, quando vagas alterosas se abateram sobre as barracas, tudo arrasando.

Na Costa da Caparica, de dois pequenos edifícios — uma vivenda pertencente a um brasileiro e que importou em cerca de 250 contos, e um restaurante pertencente aos donos da pensão de Santo António — ambos solidamente construídos com cimento, tal e areia, nada mais resta que destroços, que mal se salientam do solo.

Formenor dramático, contudo, foi o ocorrido num outro pequeno restaurante daquela praia, em madeira, onde vivia um casal com uma sobrinha de seis anos. Acordado por brados de chamamento, cerca das 5 horas da madrugada de hoje, o ocupante da barraca, sr. Lino Ramos, levantou-se da cama e veio abrir a porta da frente, ainda estremunhado pela interrupção do seu sono. Não teve sequer tempo para reflectir. Uma onda enorme, tão alta como a frágil casa, rugindo, veio rolando pela praia e, atingindo a edificação, fê-la oscilar e mudar de posição. Só por um feliz acaso o infeliz casal e a sua sobrinha se conseguiram salvar, no meio da água que lhes subia ao peito. Um pescador que tinha ido acordar o sr. Lino Ramos e que fugiu ao ver avançar a onda alterosa também escapou por pouco.

Uma graciosa «aldeia» transformada num montão de destroços

Na Cova do Vapor, o quadro é ainda mais triste. Da pequena

«aldeia» de graciosas casinhas de madeira, embelezadas pelo gosto dos seus proprietários, refúgio de descanso para os fins de semana ou para as férias de Verão, nada mais resta agora que um aglomerado de aspecto miserável, desaparecidas as cores risonhas das tintas, inclinadas umas casas até os telhados tocarem o chão, arrastadas outras pelas águas, a ponto de apenas se verem os alicerces no local onde estiveram, mergulhadas na água e ameaçando ruína, algumas.

Vários dos proprietários das casas destruídas, que estavam presentes, lamentavam a sua infelicidade. Em todos, porém, se esboça a mesma interrogação: até quando tal situação, aflição e desorientadora, se prolongará? Estará a Cova do Vapor condenada a desaparecer, e, com ela, todas as casas que a povoam? Ira também a Costa da Caparica ser gravemente atingida pelo mar?

Tristes perguntas que, como há alguns meses, continuamos a levar ao conhecimento, de quem de direito.

O temporal quebrou a amarra da proa do «Hildebrand»

Em consequência do temporal que se tem feito sentir, junto à costa nestes dois últimos dias, a proa do «Hildebrand» que, há tempo, se separara do resto do navio, mudou de posição, por se haver partido a respectiva amarra, encontrando-se agora mais afastada para leste, em relação à outra parte.

Dois pescadores salvos ao cabo de doze horas de luta com o mar

VIANA DO CASTELO, 14 — Um barco do pequeno porto de pesca do Castelo do Neiva, a dez quilómetros de Viana do Castelo, dirigido pelo arrais Jaime Rodrigues de Oliveira e tendo mais outro tripulante a bordo, esteve em risco de se afundar a umas centenas de metros daquela localidade, em consequência de grande agitação do mar.

Da praia, mais de duas centenas de pessoas seguiram, angustiadas, a luta dos dois homens, que remaram durante doze horas para não deixar afundar a embarcação.

Infelizmente, por avaria no único telefone existente no sítio próximo da Amorosa, não se conseguiu comunicar com Viana do Castelo, a fim de pedir os socorros de salvavidas.

Ao cabo de tantas horas, quando os dois tripulantes estavam exaustos, fizeram-se ao mar, arrojadamente, com risco da própria vida, dois pescadores, de nomes Manuel Soares e Luciano Cunha que os conseguiram rebocar para terra.

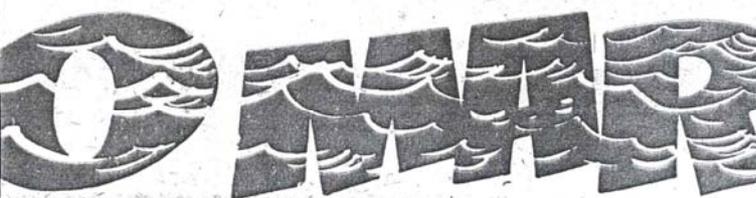
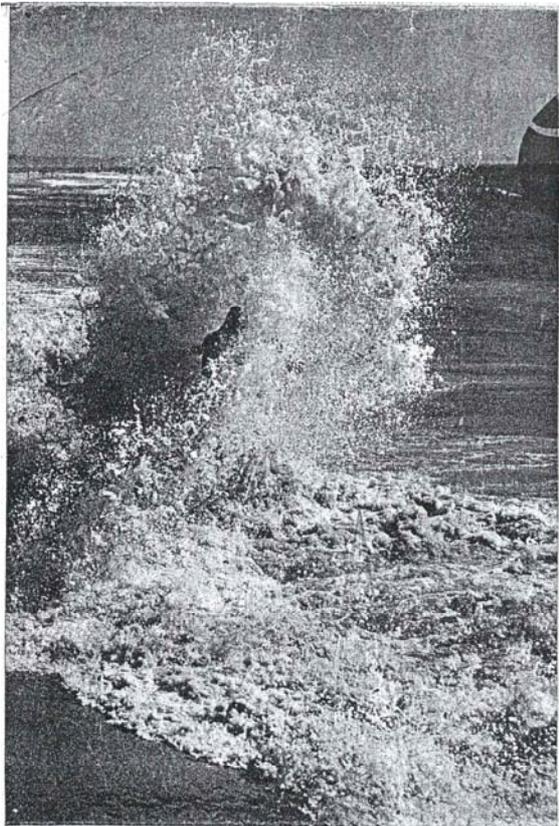
Vento ciclónico causou grandes prejuízos na região de Vila Real

VILA REAL, 14 — Causou elevados prejuízos materiais o vento ciclónico que ontem, durante toda a noite, se fez sentir na região de Vila Real, acompanhado por violentíssima trovoadas e muita chuva.

Verificaram-se inundações em várias zonas da cidade e em diversas aldeias do concelho, registando-se, também, desabamento de muros, casas desfeitas, chaminés derrubadas, portas e janelas de prédios destruídas, oliveiras e outras árvores arrancadas. Os rios Corgo e Cabril, com grandes enxurradas, inundaram por completo os terrenos marginais.



Numa das barracas destruídas pelo mar, o dono, ajudado por um vizinho, tenta salvar alguns haveres. Vê-se, na gravura, como a barraca se voltou

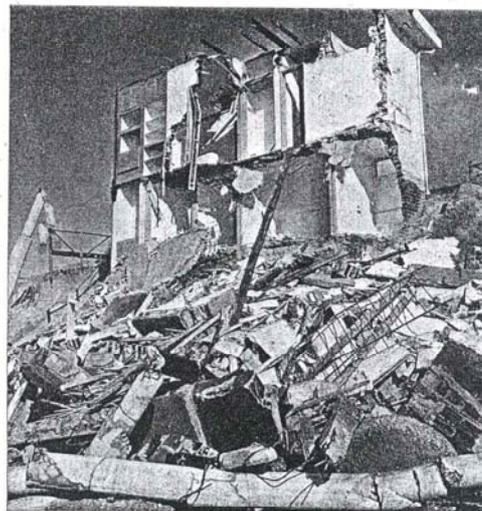


A Costa da Caparica, a linda Praia do Sol e a não menos bela Cova do Vapor, seu prolongamento, locais tão queridos das gentes que amam o mar e o sol, estão prestes a desaparecer, deixando atônitos, mudos de espanto, quantos àquela região têm dedicado o maior carinho. Quantos trabalhos, quantas canseiras, quantos capitais foram dedicados, generosamente, à transformação do imenso areal, então pertença de meia dúzia de bravos pescadores, numa das mais belas praias de Portugal. E para quê? Para em quatro anos a incúria e o desleixo fazeres desmoronar o que um punhado de homens de rara energia e espírito criador realizou com tanto esforço e tremendo sacrifício.

A tragédia da praia da Costa da Caparica começou com a destruição da restinga que ligava o cabeço da Cova do Vapor à Torre do Bugio. Desaparecendo aquele quebra-mar, as águas até ali relativamente tranquilas transformaram-se em vagas alterosas, medonhas, e acometeram a terra, levando na sua frente o suor e as lágrimas dos que perderam os seus haveres e as esperanças daqueles que tentavam trazer ao mar num oásis magnífico e acolhedor a ridente e simpática praia e consequentemente a Cova do Vapor.

E o que se fez então para defender a praia das fúrias do mar? Um quebra-mar, um acomodaticio encolher de ombros. E, entretanto, o mar lá vai acomendo (na expressão dos pescadores) preciosas parcelas daqueles terrenos. E a sua voracidade é tal que

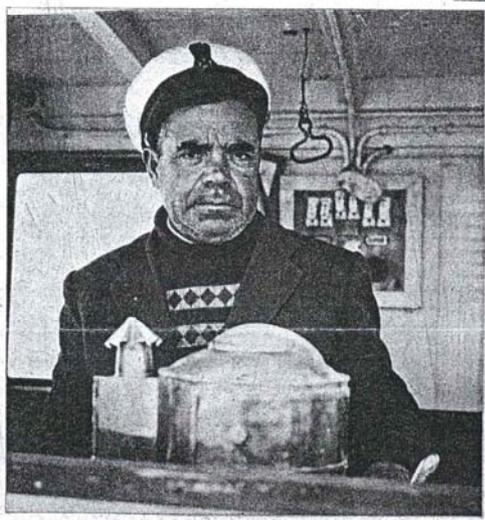
(Continua na pág. 14)



O mar batendo com fúria a indefesa praia da Costa da Caparica, que, pouco a pouco, vai cedendo às suas investidas demolidoras. A ESQUERDA: O que se vê era um povo, outrora rodeado de terrenos, árvores, mato, etc. Agora está tristemente isolado e a ser 'comido' pelas águas das marés vivas



O astuto e hábil cabo do mar, sr. Ezequiel Augusto Alves, que durante treze anos prestou ótimos serviços na Costa da Caparica. Ladeado por vários pescadores, dá a sua opinião ao «Século Ilustrado», segundo a qual se impõe a construção de um quebra-mar, a fim de ser evitado que o mar faça maré na duna. Também se irrisina para a construção da muralha, mas isso só depois do esporão ou quebra-mar



O mestre José Martins, filho do célebre e abnegado marítimo José Bóia, anda há 30 anos no mar e conhece palmo a palmo a zona da Costa da Caparica. Disse-nos que a solução do problema, a seu ver, está na construção de um quebra-mar, de cerca de 500 metros de extensão, a partir da Cova do Vapor. Acrescentou que as águas ali são muito profundas, chegando a ter, na baixa-mar, pouco mais de um metro, pelo que os trabalhos não deviam ser de difícil execução. A DIREITA: O pescador sr. António Baptista é também de opinião que se construa o quebra-mar. É um bom para a praia e para os que como ele andam na faina da pesca — declarou-nos



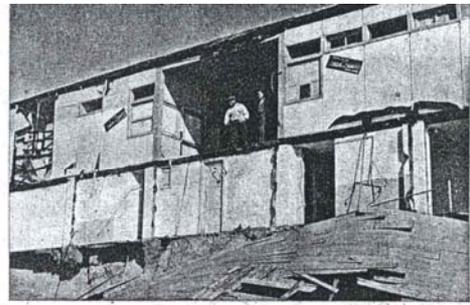
O SÉCULO ILUSTRADO
 Edição semanal de «O SÉCULO»
 Director
CARLOS PEREIRA DA ROSA
 Chefe da Redacção:
REDONDO JÚNIOR
 Redacção e Administração: Rua do Século, 41-83 — Oficinas Rua do Século, 99, e Travessa da Oliveira à Estrela, 4-6 — Editor: Fernando Castro — Telef.: P. B. X. 32761 — LISBOA
 Propriedade:
 Sociedade Nac. de Tipografia
 Ano XXI-N. 1093-Preço 2\$50
13 DE DEZEMBRO DE 1958
SAI TODOS OS SABADOS

Figura 17 - Notícia sobre mau tempo; Fonte O Século Ilustrado 13/12/1958

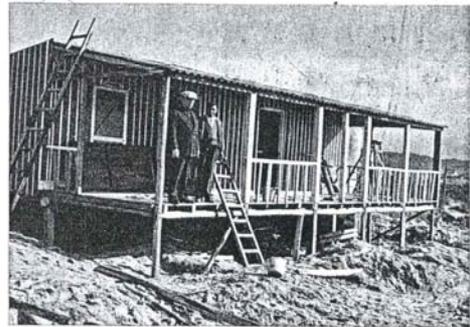
avança sobre a terra!



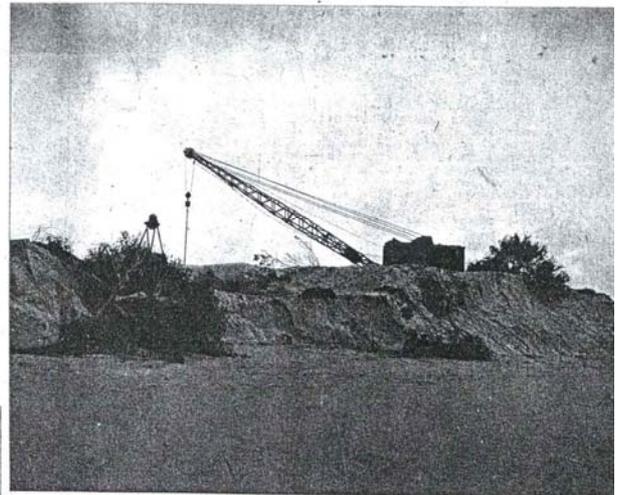
Dois aspectos (em cima e à esquerda) do que resta da linda vivenda do médico, sr. dr. José Godinho de Oliveira. E não se diga que era de madeira, pois foi construída em alvenaria



O desmoronamento foi brutal, deixando reduzido ao que a gravura apresenta as modelares instalações do Restaurante Vitória. EM BAIXO: Num ponto mais recuado da duna estão a ser reconstruídas as instalações do banheiro sr. José Marcelino, que igualmente foram destruídas pelas águas revoltas do mar. O sr. José Marcelino que se vê na gravura ao lado do cabo do mar sr. Ezequiel Augusto Alves, opta por um trabalho mais rápido: a colocação de estacas, embora mais tarde se procedesse a construção mais eficiente e sólida



Outro antigo e valente pescador da Costa da Caparica, o sr. Joaquim Antônio Martins, aponta na direcção que deverá seguir o quebra-mar, o que evitaria — disse ele — que o mar continuasse a «comer» a duna. Depois, a construção da muralha desde a praia da Costa até à Cova do Vapor. O problema ficaria, dessa forma prática, solucionado



Esta grua lança as pedras para o areal. Mas como as camionetas muitas vezes não podem chegar ali devido ao mau estado da estrada improvisada, conserva-se inativa durante longos períodos. A ESQUERDA: Julga-se que certas pedras sejam finalmente destinadas à construção do quebra-mar. Mas os trabalhos arrastam-se com tal lentidão que em quatro dias o mar saltou sobre as pedras, isolou-as e continuou a comer a terra. Por este andar quando o esporão estiver concluído já não é preciso

REPORTAGEM DE
FERNANDO
CASTRO E
BEATRIZ
FERREIRA

VENTO CICLÓNICO E MUITA CHUVA

O MAR INVADIU

AS PRAIAS DA COVA DO VAPOR E DA CAPARICA

DESTRUINDO ALGUMAS HABITAÇÕES E CAUSANDO IMPORTANTES PREJUÍZOS



NA COVA DO VAPOR: os efeitos da invasão do mar e do vento ciclónico

O VENTO CICLÓNICO E A TROVOADA CAUSARAM PREJUÍZOS EM VÁRIOS PONTOS DO PAÍS

Aquilo tinha de acontecer, mais tarde ou mais cedo. Toda a gente, na Cova do Vapor—fossem os pescadores lá residentes, fossem as pessoas proprietárias de barracas-casas, fossem as que, habitualmente, passam ali os fins de semana—toda essa gente esperava a invasão do mar.

—Foram de pavor—contou a um dos nossos redactores o sr. António Tavares—as horas que passámos de madrugada, por alturas da praia-mar, a água concentrava-se perigosamente desde a Costa de Caparica até este ponto.

E apontava, braço estendido, pela junção fulva: onde, não há muitos dias, se erguiam os restos da duna de protecção, formada por areia alveada, a separar a mata da praia. Na véspera ainda ali havia acácias e mimosas. O indicador baixou, a apontar um esboço de enrocamento, a partir do ponto onde se encontram duas grutas destinadas à colacção de pedras. E proseguir:

—Esta era a obra necessária, caso pronta e não mal começada, como se pode ver. Só ela poderia evitar a invasão brutal das águas. Seria o quebra-mar indispensável—talvez quatrocentos, talvez quinhentos metros de penetração pelo oceano, na vertical da praia. E o que está à vista? Pedras soltas e sem armazém, nenhuma consistência—nada, pela palavra nada, que servisse de anteparo. E o mar rolo, impetuoso durante a tarde, e voltou a rolar de madrugada, levando tudo à frente: os restos da duna, o arvoredo do limite exterior da mata montanhas de areia, pedras.

Vez a traduzir a mensagem, o informador seguia a narrativa: —Se fosse só isso, o mal poderia ter, pelo menos, algum remédio.

Mas não. As nossas casas, as nossas barracas—as nossas habitações, enfim—todas as que vê aqui no coto-velo da costa, que separa o Tejo do oceano, haviam-las protegido por outra duna, levantada a expensas dos moradores. Estávamos confiados nesta última barreira, convencidos de que as águas não poderiam saltar este derradeiro parapeto. Pois galgaram—e com que violência! Foi pela noite velha, felizmente sem chuva e sem vento. Que se a madrugada fosse de tempestade, então a desgraça seria maior.

E seguiu o relato, o dedo sempre a assinalar os pontos nevralgicos da invasão das águas. As ondas cresciam de momento a momento, chicotando, revolvendo, dominando a areia das dunas improvisadas e dos acidentes daquele recanto da costa. O ruído, constante e de intensidade cada vez maior, causava pavor. Primeiro as crianças; depois as mulheres, por condições mais temerosas do que os homens, começaram a chorar e a gritar. Tinham medo de morrer dentro de casa—afogadas sem remissão. E como o mar rugisse, feroz e ameaçador, os homens, por sua vez, acabaram por recuar o pior.

No negrume da noite rumorosa as famílias saíram das casas, alumadas, aqui e ali, no que lhes servia de pontos de referência para o encontro inevitável derivado do perigo comum, por candeieiros, petromax. E que, na altura, já não havia energia eléctrica. Foi o êxodo salvador—a cinco minutos, talvez dez, no máximo, da derrocada final. Se não fosse a fuga instintiva, teriam agora de lamentar perdas de vidas.

Casas-barracas esmigalhadas e arrasadas pela praia como se fossem brinquedos de crianças

Pois foi, na realidade, na tal dobra do oceano para o Tejo, exactamente na Cova do Vapor, que tudo aconteceu, no decorrer de poucos minutos. Já as gentes haviam fugido para os pontos altos da mata onde, por certo, como esperavam, nada de mau lhes aconteceria. Pareciam brinquedos de crianças, frágeis, inconsistentes, aquelas casas de madeira, residências de pescadores, as mais modestas, ou as de famílias de Lisboa, melhores, pintadas de cores berrantes, bonitas e agradáveis.

O mar alcançou nítido pulo e em jeito de pancada poderosa a última duna de protecção, metras acima da praia desprotegida, desde que desaparecera a restinga providencial que ligava a Cova do Vapor ao Bugio. Ultrapassada a barreira de de areia—a última no escalonamento defensivo do casario local—

tudo se passou como se fosse possível e destruidora, a água encerrando potencialidades imprevistas de calcular. Encontrou na di-reccção mar-rio mais de uma dezena de barracas, algumas assentes em pilares de cimento armado e outras mal apontadas no areal, tipo construção simples e quase sem fundações. As que estavam a meio do caminho deslizaram no corcamento veloz da massa líquida, como se fossem bonecos de celuloide. As que lhe ficaram nas lhas, por implantadas nos meios declives de areia, tombaram ou giraram, ta-piões, e ficaram, passada a arremetida, nas posições mais inverosímeis e contrárias às leis do equilíbrio.

Aconteceu a calamidade às três e meia da madrugada e demorou escassos minutos, mas suficiente para uma destruição quase impossível de remediar. A avalanche deu cabo de nove barracas, três das quais habitadas por famílias de pescadores. Esmigalhadas positivamente ficaram as de Manuel Augusto Valente, Alfredo Martins, Custódio de Almeida e Guilherme Rodrigues Tabuás, cadeiras, bancos, louças feitas em pedaços, camas desfeitas num estendal desolador de prejuízos irreparáveis, ficaram a juncar a outra praia após o cotovelo a do lado do rio, Lisboa à vista. Ramos pedaçados de árvores, troncos e milhares de arbustos arrastados, antes da invasão final, nos rebordos da mata, cobriam o areal calmo, suavemente inclinado sobre o Tejo.

O pescador Custódio de Almeida, com o fatalismo conformista da gente do mar, passado o perigo olhava para os destroços da sua barraca e dava traços à imaginação para ver onde albergaria a mulher, oito filhos e dois netos. O dono dum estabelecimento de banhos, o sr. Eduardo Cardoso, talvez pensasse na maneira de reconstruir outra barraca para idêntico comércio de verão.

No desânimo provocado por tão grande desastre—para a gente pobre, então, foi horroroso—erguia-se um coro de agradecimentos, de que beneficiavam, e muito justamente, os srs. Joaquim António Martins e Alberto Ferreira Fragoço, que avisaram as pessoas do perigo que corriam, bastante antes da invasão das águas. Andaram pela Cova do Vapor, barraca após barraca, com o prudente aviso de que os moradores corriam perigo caso não abandonassem as casas o mais depressa possível.

Também houve quem não admittisse o perigo e ficasse sossegado na residência

Em acontecimentos como o relatado nesta reportagem há sempre pormenores curiosos, integrados nos acontecimentos. Foi o caso dum

(Continua na 6.ª página)

Figura 18 - Notícia sobre mau tempo; Fonte Diário de Notícias de 15/12/1958

O TEMPORAL

(Continuado da 1.ª página)

barraca azul de madeira, do sr. Joaquim dos Santos Sobreira, que o mar levantou dos pilares de cimento, para só a tombar em jeito, traquinás. Mas só isso. Prejuízos resultam do caso — poucos. Outra barraca de cor verde, do sr. José Marques, também ficou separada dos pilares. O mar limitou-se, na passagem, a fazê-la girar sobre um hipotético eixo. E foi tudo.

O sr. Furtado Leite, com residência na parte plana da praia, decla-

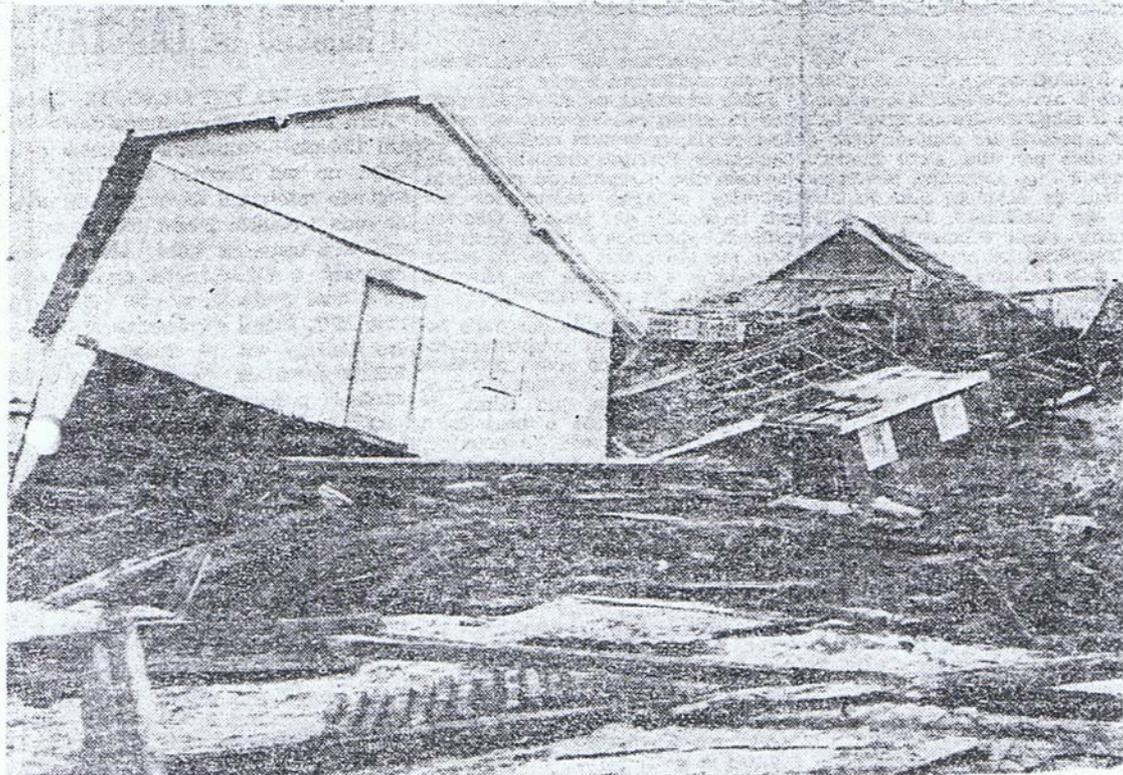
Na sua furia, o mar levou mais três barracas. O estabelecimento do sr. José Marcelino, já por duas vezes assaltado pelas vagas, sofreu outro ataque demolidor. Foi positivamente atirado para o alto do que resta da duna, à altura de doze metros, e lá está ameaçado de destruição final por alguma das próximas marés. A furia das águas «consumiu» entre cinco e seis metros da duna e inutilizou a passagem de cimento que conduzia ao restaurante desaparecido.

O perigo maior reside na posição

tão violenta a noite passada que ninguém conseguiu dormir nesta freguesia e em todo o concelho.

Arriscando a vida, dois pescadores fizeram-se ao mar e salvaram dois camaradas em perigo de naufrágio

VIANA DO CASTELO, 14. — Por toda a costa, o mar, devido à violência do vento, encontra-se agitado e furioso.



Outro impressionante aspecto da violência do temporal na Cova do Vapor

rou não sair de casa. Não havia perigo, afirmava convictamente, tanto mais que a sua barraca estava circundada por um muro de tijolo e cimento reforçado. E foi para a varanda, convencido de que nada aconteceria. Não havia motivo para sustos, nem para correrias, nem para gritos. Ele ficava — ou julgava que ficava. Mas no momento em que a avalanche de água passou pela Cova do Vapor, o muro desapareceu como por encanto. E, está sem de ver, o sr. Furtado Leite deu a mão à palmatória, ou, melhor, deu da barraca já a custo.

Manhã cedo. Sol a brilhar, era tudo desolação. Os felizes cujas barracas não ficaram na trajectó-

critica das barracas situadas no topo do que resta da duna. Estão mesmo sobre a perpendicular, penduradas no alto da areia. Quando as águas voltarem a «atacar», serão irremediavelmente sorvidas, num turbilhão da massa líquida. A não ser, como se pretende, que se consiga removê-las com auxílio de tractores para pontos livres da impetuosidade das marés. Nessa tarefa se ocupavam bombeiros e populares, com o intuito de conseguir a trans-

Em virtude dessa agitação, um barco de pesca do porto de Castelo de Neiva esteve em risco de naufragar com dois homens a bordo, a umas escassas centenas de metros daquela localidade. Angustiadíssimas, muitas pessoas seguiram, de prece, a luta travada pelos dois homens que remaram durante mais de doze horas, para vencer a furia das ondas.

A situação do barco e dos seus tripulantes tornava-se aflitiva e uma avaria no único telefone ali próximo existente impedia que fossem pedidos socorros para esta cidade.

que mandaram reconpor depois do ser saíste de Abril e na qual dependiam alguns centos de reis resistiria ao embate das vagas. Efectivamente a defesa parecia oferecer certa segurança—uma trincheira de areia revestida da banda do oceano com ramos de arvores seguros por forte estacaria de madeira e geteada de chorões cujas raizes dão consistência à terra. Simplesmente e tal como em Abril, as vagas atacaram no mesmo ponto a duna e destruíram-na. Depois investiram a ventada pelo povoado, cortando-o ao meio e arrastando as barracas. O Alberto Fragoso ao ouvir o ruído da água, saltou da cama e deu o alarme. Na companhia do seu colega Joaquim Antonio Martins, pôs-se a correr de um lado para outro a gritar e a salvar gente. A certa altura as vagas não encontrando saída, reventaram no meio do casario e estilhaçaram tudo, espalhando pedacos de madeira, móveis, colchões e roupas por todo o lado. E tal como em Abril, foi necessário abrir-se à pressa um canal de forma que entrando o mar pela costa corresse para o Tejo, deixando de formar lago no meio do povoado.

Algumas pessoas foram salvas com grande dificuldade

Também como em Abril, pois tudo se passou tal qual como nesse mês, houve cenas de pânico. Apesar do ruído do mar e do burburinho das pessoas, o sr. Antonio Tavares, funcionario do nosso prezado colega «Diário da Manhã», que estava na sua barraca com a esposa e a filha, não acordou. Foi necessário ir chamá-lo e retirá-lo já com dificuldade. O mesmo sucedeu com o sr. Carlos Ferrer e esposa. Outro tanto sucedeu com o sr. Manuel Furtado Leite comerciante, que estava em sua casa com um empregado e um amigo. Quando deram pelo que se passava estavam rodeados de mar e tiveram de ser retirados às costas. Um velho pescador, Alfredo Martins, e a mulher também tiveram de ser socorridos e ficaram sem a sua barracina. E se fossemos referir todas as cenas deste género não acabaríamos tão cedo.

Mais uma vez ficou destruído o estabelecimento de banhos do sr. Eduardo Martins e desapareceu, feita em estilhas, a barraca do sr. Augusto da Preciosa. A mesma sorte teve a barraca do sr. Carlos de Sousa. Ficaram desmanteladas e

arreatada pelas vagas e reposta pouco mais ou menos no mesmo local.

Receia-se que a maré desta noite agravasse a situação dos moradores daquelas locais.

No entender dos praticos, a única maneira de evitar que o mar livada e cubra todas as terras baixas que se estendem até à Trafaria é construir um esperrás ao longo da costa e um bra-mar em direcção ao Bugio que atenua a fúria das vagas. As medidas até agora tomadas revelaram-se de todo ineficazes.

As carreiras de vapores entre Belém e Trafaria foram suspensas ontem às 16 e 30, com os naturais incómodos e prejuizos para as pessoas que as utilizam.

Arribaram ao Tejo dois navios espanhóis devido ao temporal no Atlântico

Durante a manhã e parte da tarde, o serviço de entradas e saídas na barra de Lisboa fez-se em plena normalidade. Porém, próximo das 17 horas, o barco dos pilotos foi forçado a recolher, tão violenta era a tempestade no Atlântico.

Devido ao temporal no mar arribaram ao Tejo os navios espanhóis «Gualupe», procedente de Vigo, e «Ria de Vigo», de Cádiz.

O capitão do cargueiro inglês «English Star», embora o mar estivesse da tempestade, manifestou desejo de largar do porto de Lisboa, com destino a Hamburgo. Conseguiu o que queria, mas o piloto da barra de Lisboa, em consequência do temporal, não pôde desembarcar para a lancha, pelo que teve que continuar a bordo e fazer a viagem, provavelmente até aquele porto alemão.

Desabamentos e inundações na região de Belas

Na região de Belas voltaram a registar-se inundações e desabamentos, felizmente de pouca importância. Além daquela localidade, as mais sacrificadas foram Venda Seca e Idanha.

A corporação dos bombeiros de Belas tem mantido piquete permanente, mas a sua acção tem-se limitado a desen-

DE VIDA

quatrocentos ovinos e os seus pastores

EVORA 14. — As chetas ocasionadas pelos últimos aguaceiros que assolaram esta região, puseram em perigo de vida, na Herdade de Cerro próximo de S. Marcos, quatrocentos ovinos e os seus respectivos pastores, isolando-os por completo. Chamados os Bombeiros Voluntários de Evora, estes conseguiram pôr a salvo os pastores e o zado tendo a cheta levada, ainda, vinte cabeças.

Houve estragos noutros pontos da provincia

As chuvas violentas dos últimos dias também provocaram inundações e prejuizos, mais ou menos graves, noutros pontos da provincia, especialmente em SETÚBAL, onde os bombeiros tiveram imenso trabalho; ABADIA (Ribeira de Pena); ALDEOES (Calçada), que ficou sem comunicações telefónicas; no lugar da TOUÇA (Pacos de Vilharigues) onde se desmorenou uma casa, pertencente a sr. D. Carolina Bica; em PAREDES e freguesias limítrofes; no SABUGO, onde houve falta de luz e estragos no arvoredo; e na região de Valadares (S. Pedro do Sul).

Em VILA REAL, as chuvas eram acompanhadas de vento ciclónico. Houve inundações, tendo uma família pobre, da Rua do Rossio, sido retirada pelo telhado da casa, pois as águas atingiram grande altura.

SANTARÉM foi igualmente fustigada pelo temporal, mas as chuvas beneficiaram a agricultura.

Boletim meteorológico

Tempo prouduel hoje, segundo o boletim do Serviço Meteorológico Nacional: céu muito nublado ou encoberto; vento de Oeste moderado, por vezes forte; chuva e aguaceiros. Temperaturas extremas do ar, ontem, em Lisboa: máxima, 15.4; mínima, 12.8.



Singelas vivendas da Cova do Vapor, que serviam para os seus moradores passarem os fins de semana ou a época dos banhos, foram estilhaçadas ou deslocadas pelo mar, que ontem de madrugada invadiu a pequena povoação

truidas e as arremessadas para longe. E afirmavam, convictamente, que, para a próxima vez, seriam as vítimas. Os outros, que haviam perdido habitações e recheios, queriam ver, doentamente obcecados, o ponto por onde o mal saltara. Lá estava na duna o ponto da invasão, cortado rente, areia e raízes esventradas, como se uma grande serra tivesse sectionado geometricamente o local.

Mais longe, na correnteza amarela da comprida praia debruçada sobre o oceano, no sentido da Costa de Caparica, antes sobrepujada por longa duna, as águas, no vão-vém violento das marés da tarde e da noite, haviam nivelado os altos com os baixos, para, seguidamente, pularem para a mata onde está instalada a F. N. A. T. e ali formarem largos charcos. A estrada de acesso às gruas — um caminho exclusivamente destinado às obras — essa ficou transformada num verdadeiro lamaçal de calíça e areia.

E tudo aparecia assim — desoladoramente triste.

A destruição de diversas barracas na Costa de Caparica

A causa da investida do mar na zona compreendida entre a Costa de Caparica e a Cova do Vapor é devida ao desaparecimento da líria de areia que se prolongava até a torre do Bugio. Quase seis quilómetros media essa restinga, que servia de protecção àquela zona da costa. Já lá vão anos, ia-se, a pé enxuto, quando da baixa-mar, da Caparica à torre. Desapareceu essa protecção natural, ainda não substituída por outra que se tenha revelado eficiente. Por isso, as destruições sistemáticas — as do mar a «comer a terra», como dizem os pescadores, cada vez que, principalmente no Inverno, as marés vivas deixam pelo tão conhecido troço da costa cicatrizes profundas ou provocam destruições de barracas e vivendas implantadas na orla da mata ou nas proximidades da estrada que corre não longe do oceano.

Mais uma vez o caso se verificou ontem, com prejuízos materiais de monta, no respeitante a habitações, e com o desaparecimento parcial do configurativo do vasto areal, paraíso dos Lisboaetas nos meses de Verão. De madrugada, as vagas enfuradas trouxeram nas cristas embarcações e atiraram-nas para junto casario, na rua principal da localidade, onde está instalado o hotel. Depois, no movimento regressivo das águas, a Costa de Caparica apresentava uma série de charcos.

Aconteceu assim durante a noite ao longo da faixa arenosa. Na praia de Santo António desapareceu o restaurante Vitória, e da vivenda do sr. José de Oliveira Godinho, anteriormente danificada, só os restos dos fundamentos ficaram submersos na areia.



Um aspecto dos estragos causados na praia da Costa de Caparica

ferência antes da preia-mar da tarde.

As devastações alargaram-se a outros pontos, como na Caparica, onde o mar atingiu os restaurantes da Carolina, do Aires e do Bento, e invadiu os balneários, que ficavam a duzentos metros da linha de rebentação. Por este pormenor se pode ajuizar da violência da vaga, a qual, na área mais directamente atingida, alcançou, arrastando-a por considerável distancia, a esplanada do Ponto Azul, propriedade do sr. Adelinho Rodrigues Cunha. E assim andou a casa de madeira, ao sabor das ondas, a qual ficou sem os pilares, quase desmantelada e com todo o recheio partido, no total de quarenta contos de prejuízos. Dormiam na edificação Lino Ramos; sua mulher, sr.ª Maria da Conceição, e uma sobrinha, Deolinda, de seis anos, que esteve em perigo de morrer afogada. A infeliz criança, com a água pela cintura, cheia de medo e a tremer, pois não sabia dos tios, por sua vez também vítimas da investida do mar e, consequentemente, impedidos de a socorrer, decidiu-se a fugir. O mesmo fizeram os adultos, embora com menos dificuldade. Foi uma alegria quando se encontraram os três, já salvos.

Outra barraca, próximo daquela, da sr.ª D. Teresa da Glória Carreira, foi impelida para a duna e, depois, arremessada para a praia, com tudo o que tinha no interior partido.

O tráfego no rio

Apesar da chuva persistente, o tráfego no rio fez-se normalmente. Só a carreira entre Belém e a Trafaria foi suspensa a partir das 16.30.

Os navios mercantes entraram e saíram do Tejo com regularidade, mas, às 17.45, o barco dos pilotos, devido à agitação do mar, teve de recolher. Alguns dos doze barcos que largaram do Tejo abrigaram-se em S. José de Ribamar. O navio «English Star», que largou para Hamburgo, não pôde desembarcar o piloto, o qual seguiu viagem até ao primeiro porto.

Por sua vez, nos rochedos dos Oltavos, as duas partes do paquete «Hildebrand» estão a ser batidas por vaga grossa. Devido a ter-se partido a amarra, a proa do navio foi arrastada pelas ondas e está agora mais afastada da outra parte do navio.

Foi então, quando os tripulantes do pequeno barco se encontravam já exaustos, que dois pescadores, Manuel Soares e Fernando Cunha, se fizeram corajosamente ao mar, rebocando o bote e salvando os naufragos, com perigo da própria vida.

Mau tempo em Leixões e no Douro

PORTO, 14—Mantem-se o mau tempo, com muita chuva e vento forte. O mar, muito agitado, invadiu a avenida das Palmeiras, na Foz do Douro, sem, no entanto, causar estragos. Entretanto, a corrente do rio aumentou de volume e velocidade, produzindo o alargamento da barra.

Em Leixões continua impedida a saída das traineiras para a pesca da sardinha, mas, ao contrario do que acontece na barra do Douro, é possível o movimento de barcos. Entrou ali o vapor português «Uige», que, vin-

do de Lisboa, teve bastantes dificuldades para vencer o temporal. O criado de bordo Julio Pereira Machado, de 38 anos, deu uma queda e fratura o braço direito.

Trânsito interrompido a veículos pesados na estrada d Távira por ter ruído uma pont

TAVIRA, 14—Há três anos ruído ponte do Almargem, que dava ligação deste concelho a Vila Real de Santo António. Foi, então, substituída provisoriamente pela antiga ponte romana, que, devidamente espedada pela Junta Autónoma de Estradas, tem servido até hoje. Porém, por motivo da grande enchente da ribeira do Almargem, abateu agora o terceiro arco dessa ponte, estando interrompido trânsito de veículos pesados de carga e de passageiros. Apenas passam carros ligeiros, mas estes são responsáveis...

on
da
de
via
mo
da
Ba

ra
la
Pr
cã

te
de
qu
os
la
ve
Ti
si
ge
M
tis
co

Mais estragos na Cova do Vapor

■ DESDE A PASSADA SEMANA que os moradores da Cova do Vapor vivem com o coração nas mãos. O mau tempo fez com que o mar entrasse terra adentro inundando cerca de uma dezena de casas, provocando vários prejuízos materiais. Os moradores apontam o dedo às obras de recuperação dos esporões em curso naquela zona por iniciativa do Instituto da Água (INAG).

"A ONDAS SALTARAM os esporões e levaram pedras e muito lixo para as casas", conta Manuel Casanova, da Associação de Moradores da Cova do Vapor. "Vivemos sempre com receio, principalmente à noite", acrescenta. Nessa noite de quinta-feira, duas famílias chegaram a ser evacuadas depois das ondas terem inundado as suas casas. Embora com prejuízos avultados, eram apenas casas de férias pelo que segundo Jorge Graça, da Protecção Civil de Almada, "não houve necessidade de realojamentos". Aliás, os estragos "não foram muito além de uma porta estragada", afirma.

Em 45 anos, Sérgio Ferreira não se lembra de ter vivido uma noite assim. "Por vezes o mar galga a muralha mas nunca com esta força e a entrar nas casas", conta. A sua habitação "foi uma das mais prejudicadas" e, para além da porta, "estragaram-se mobílias, loiças e carpetes". Segundo

o membro da associação de moradores, uma situação semelhante à da semana passada "já não ocorre há muitos anos" e, sustenta, tal só aconteceu "devido às obras de reparação dos pontões". Trata-se de uma intervenção, a cargo do INAG, que teve início em Setembro, devendo estar concluída em Outubro de 2006. O objectivo é combater a erosão costeira e fazer um prolongamento dos esporões, de forma a proteger as habitações. Mas Manuel Casanova afiança que o sentimento é de "desconfiança face ao modo como as obras estão a ser feitas". Antes, "o mau tempo não provocava tantos estragos" porque "as ondas encontravam obstáculos nas pedras do paredão e não conseguiam invadir a muralha". Agora, "isto parece uma rampa". Embora sem poder afirmar se as obras estão ou não a ser bem executadas, o presidente da Junta da Trafaria, Luís Herme-



► Habitações estão mais vulneráveis à força do mar

negildo reconhece "alguma apreensão" sobre os trabalhos. Isto numa altura em que corre um abaixo-assinado entre os cerca de 200 habitantes fixos da Cova do Vapor exigindo que o INAG rectifique a altura do paredão. É que, alegam, com as obras esta defesa baixou cerca de metro e meio de altura.

Ressalvando que, na sequência dos trabalhos, o

paredão ficou com "mais 80 centímetros a um metro" de altura e a distar "dois a quatro metros" das habitações, o chefe da Divisão de Obras do INAG, João Costa, admite que a intervenção efectuada "poderá não ser suficiente" em caso de "temporal extremo". Sem concretizar prazos ou medidas, adianta que o instituto "vai reanalisar a situação".

Figura 20 - Notícia sobre mau tempo; Fonte Jornal da Região Almada de 20/03/2005



NATALIA FERREAZ

▲ JOAQUIM FERREIRA PASSOU A NOITE ANGSTIADO, À ESPERA DE UMA ONDA MAIS FURIOSA

Mar mais calmo

Moradores temiam que a água voltasse às suas casas

O mar voltou a bater, na madrugada de domingo, à porta da casa com o número 30, na Cova dos Vapores, Costa de Caparica. Mas desta vez não entrou, como acontecera na noite anterior.

“Passei a noite angustiada, com medo de ser empurrado outra vez por uma onda”, disse ao CM José Fer-

reira, proprietário da casa que anteontem foi arrombada pela fúria do mar. “Hoje (ontem) o mar está mais calmo. O vento mudou, mas a espuma indica que se trata de marés vivas”, explicou José em tom de análise.

Anteontem o mar galgou as rochas e entrou na casa do septuagenário. À noite um responsável do Instituto da Água (INAG) esteve no local a avaliar a situação. É que antes a muralha que

trava o mar era mais alta. Em Novembro, as obras deixaram o muro mais curto. “Era por causa da vista”, explicou José.

Mas com a subida do mar, a água ultrapassa a pedra e chega às casas que ali se encontram. A Associação de Moradores já tinha avisado, por carta, o INAG. Mas ainda não tinha obtido respos-

ta. Agora está em curso um abaixo-assinado, para que a muralha ganhe outra vez mais altura. — S.S. ●

Está em curso um abaixo-assinado para voltar a subir a muralha

Figura 21 - Notícia sobre mau tempo; Fonte: Correio da Manhã 28/03/2005

CAPARICA: devagar não se vai longe

Da insólita Cova d

DP 13/10/72
a uma nova concessão

SAIDOS da Caparica pela estrada que vai terminar na Trafaria, chegamos a um ponto, pouco depois do parque da F. N. A. T., onde se encontra uma bifurcação. Seguindo pela esquerda, encaminhamo-nos para a orla marítima.

Não precisamos de andar muito até se nos depararem três tabuletas bem à vista do visitante. Dizem assim: «Propriedade particular — proibido armar barracas e fazer lume e proibido caçar», «Estrada particular», «Trânsito autorizado só pela Urbanizadora Praia do Sol».

A «estrada particular» nasce nas imediações dos depósitos da N.A.T.O. ali existentes. Não é asfaltada. O piso aparenta ter recebido umas carradas de terra por alturas do Verão, para a tornar mais circulável. Uma cancela confirma ao visitante que o dono da propriedade considera a estrada mesmo sua. Contudo, esta «estrada particular» é o único acesso para um pequeno aglomerado que conseguiu sobreviver na antiga Cova do Vapor. Um acesso que no Verão, nos fins de semana, custa «portagem», salvo se os moradores se munirem de uma «autorização de passagem» emitida pela entidade proprietária, que é a Urbanizadora.

SÃO 114 as casas implantadas na Cova do Vapor, ao que nos informa um dos seus donos, moradores permanentes. Há pessoas que já ali vivem há mais de vinte anos, muito antes do mar ter comido uma boa fatia de terreno: «Mas no Verão vêm para aqui milhares de pessoas», elucida nos Manuel Augusto Lopes Valente, que vai ganhando

o pão com o aluguer de todos e barracas na praia. — Se isto é mais no Inverno — continua ele — no Verão é impossível. Vem para aqui muita gente e isto, como não tem condições nenhuma, fica transformado numa imundície. Abcemos-nos de descrever o que presenciamos na Cova do Vapor. Tinha boas razões o sr. Valente para lastimar a sorte

dos que ali fixaram residência ou dos que ali vão de veraneio. A povoação não possui luz eléctrica («Só há um morador que tem gerador próprio») nem qualquer rede de esgotos. A água foi canalizada por subcrivo entre os habitantes até a um fontanário, onde todos se vão abastecer. — Recolha de lixo também não há — continua o sr. Va-

lente. — Há um ano, foi preciso metermos empenhos na Câmara de Almada para cá vir uma camioneta recolher o lixo. Prometeu-nos que a camioneta viria, mas a camioneta nunca mais voltou...

Esta «ilha», espécie de aldeamento clandestino, empareceira com um «parque de campismo» do mesmo estilo, constituindo, presentemente, a única zona residencial instalada no extremo do terreno da Urbanizadora da Praia do Sol, que pertencera à antiga fábrica de explosivos, e hoje se encontra nas mãos de uma empresa formada por capitais portugueses e espanhóis.

Quando falámos com vários habitantes da Cova do Vapor sobre a situação (dependência absoluta da tal estrada particular e aparente ocupação de um terreno do domínio privado) longo nos disseram: «Não é verdade que o terreno que ocupamos seja particular. É do domínio marítimo e estamos autorizados a ter aqui as nossas casas. Pagamos licenças. O mar avançou e nós fomos obrigados a deslocar as nossas casas mais para o interior, portanto para um terreno que passou a

estar no domínio marítimo.» Com este argumento, os moradores da Cova do Vapor sustentam que a Urbanizadora é obrigada a deixá-los transitar livremente na sua «estrada particular», por ser o único acesso por terra à povoação. E protestam contra o abandono a que se sentem votados. Alguns, mais velhos, garantem mesmo não de continuar a transitar pela estrada sem pedir qualquer autorização à Urbanizadora nem pagarem «portagem».

Alguns planos

A Urbanizadora tem, no entanto, planos para a Cova do Vapor. Primeiro, elaborou um estudo de defesa marítima — segundo nos revelou o eng.º Luis Faião, administrador-delegado da empresa, que acrescenta: «depois preparamos um plano turístico recreativo, que compreende várias zonas coerentemente liga-

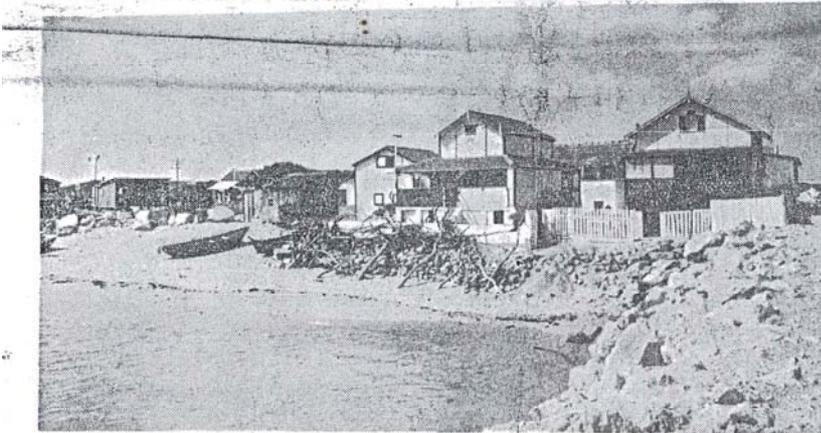
das à Caparica e a nossa urbanização... está à praia e as instalações balnearias...»

— Espera o eng.º Luis Faião que a primeira fase do plano esteja concluída no prazo de dois anos.

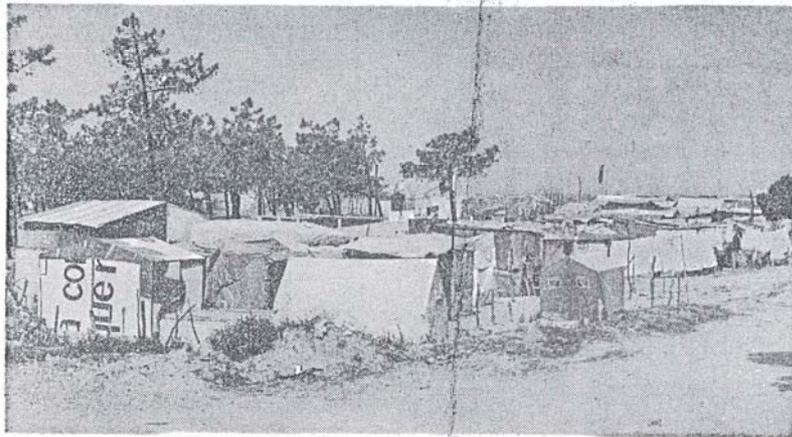
Parece, assim, improvável que o plano conjunto se resolva nos anos mais chegados, sendo até de admitir que sofra alterações de vulto. Pelo menos será sintomático que a Urbanizadora tenha já tomado as precauções, estabelecendo «várias zonas coerentemente ligadas entre si para que cada uma delas possa viver, mesmo que o plano não seja completado».

Por outro lado, sendo um estudo de iniciativa privada, não se exclui a hipótese de divergir, em alguns dos seus pontos, com o chamado Plano Turístico-Recreativo da Zona Atlântica entre a Trafaria e a Fonte da Telha, embora esta na opinião do presidente do Mu-

Reportagem de DINIS DE ABREU
Fotos de MIRANDA CASTELA



Cova do Vapor: 114 casas, com 200 moradores permanentes. Uma «ilha»



A Cova do Vapor também possui o seu «parque de campismo»...

das entre si, de forma a que este empreendimento possa gozar de plena autonomia, mesmo que não seja completado em todas as fases previstas. O plano conjunto para os 130 hectares de terreno que pertencem à empresa, divide-se em 10 zonas distintas, envolvendo torres de habitação, moradias, centro de convívio, piscinas, parque de diversões, hotéis, estaleiros de construção naval de recreio e porto interior e exterior de recreio e de pesca.

— É um plano a longo prazo — diz o eng.º Luis Faião — Estamos numa zona com várias pendências (N.A.T.O., etc.) que levam o seu tempo a resolver.

Uma dessas pendências será, certamente, a que respecta à Cova do Vapor, para onde o plano da Urbanizadora prevê o porto de recreio e a construção de um tipo de moradias adequadas.

— Quando lá chegarmos (à Cova do Vapor) — prossegue o eng.º Luis Faião — se verá. Mas evidentemente que teremos de dar algumas compensações às pessoas que cá estão, para chegarmos a um entendimento, no sentido de que nem eles fiquem desalojados, nem nós impossibilitados de dar àquela zona as mesmas características da urbanização a que nos propomos.

Empareceira, a Urbanizadora inicia a primeira fase do empreendimento que se compõe de três torres de habitação, uma piscina, 50 moradias e um edifício de apartamentos em banda contínua. Por enquanto, apenas uma das torres está em construção, com os respectivos arruamentos.

— O fôlego financeiro da empresa veto depois da aprovação desta primeira fase da urbanização — replica nos o eng.º Luis Faião a nossa pergunta sobre se a Urbanizadora teria estrutura financeira para promover a realização de tão vasto plano.

— Os nossos objectivos a médio prazo, são conseguir uma estrada com dois sentidos en-

nunciado de Almada, necessita de ser revisto.

«Não é fácil integrar o que está feito»

O limite, a sul, da propriedade da Urbanizadora é o résido da F.N.A.T. (parque de campismo, piscina, etc.). Bordejando a estrada que nos conduz de regresso ao centro da Caparica, despontam novas construções, a maioria delas reservadas a venda pelo sistema de propriedade horizontal, e tão desambicionadas (ou pobres) na arquitectura como outras que se encontram implantadas na «plainsura da Caparica, que

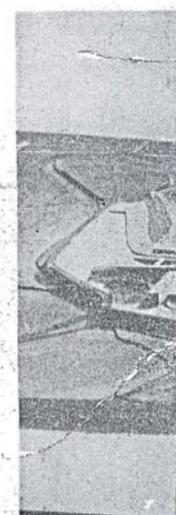


Figura 22 - Notícia; Fonte Diário Popular de 13/10/1972

lita

Vapor

balnear

tem a expressão do deputado Lardo e Silva.

É o miradouro dos Capuchos, o alto da falésia, que se desfilou uma panorâmica, bem expressiva do que é a Caparica, e do estado a que chegou por falta de um plano conjunto de urbanização. Blocos de casas de uma dezena de pisos contrastam, violentamente, com moradias térreas. Abrem-se arruamentos para se construir novos blocos. Aqui, a arquitetura salomónica, a marca urbanística é uma realidade. Até onde a visão alcança, a Costa de Caparica tem a salpicada de blocos à medida do improvável das conveniências.

«É fácil integrar o que está lá», como o reconheceu o presidente da Câmara, admitindo-se só a longo prazo esta integração venha a consequência. O centro da Caparica deve continuar assim por muitos e bons anos. Mais junto à praia a Câmara tenciona promover, para sul, a actual avenida de Salazar, que neste novo plano adoptará a denominação de Avenida Marcello Caetano. É um pequeno passo que se dá para a realização de um sonho ambiental. Era era o de uma avenida marginal, com passeio público.

Aprovamos para a nova avenida um conjunto de quatro Torres, com 11 pisos, lá dentro de uma arquitectura adequada para aquela zona, assim como um hotel, com 150 a 200 quartos. Todos os edifícios têm acesso directo à praia.

Esta iniciativa da Câmara é encarada como o eixo de uma nova era para a Caparica, autorizando o presidente a prometer que não se «delimitam certos tipos de construções e que a arquitectura dos edifícios irá passar a ser apreciada em todos os casos».

Com a nova avenida Marcello Caetano, imaginando a praia, tudo os seus dias contados as ineficazes instalações balneares condenadas, há um ano, pelo ministro das Obras Públicas? Não será o único ponto de intervenção que se põe em rela-

ção à Caparica. Mas é um deles.

As «novas praias» e os estabelecimentos «provisórios»

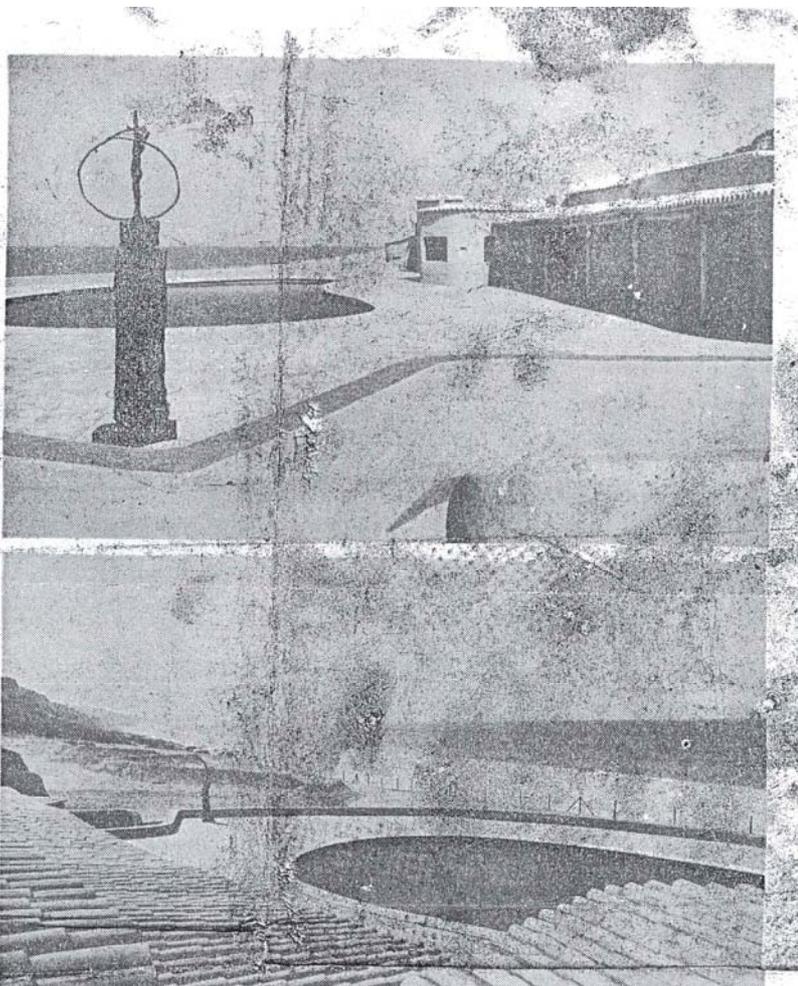
Por exemplo, que dentro estará reservado às «novas» praias, em que ficou dividido o imenso areal da Caparica? A mata situada entre a estrada e a praia foi, há pouco e pouco, minada de acessos. Junto às áreas abriram-se grandes espaços para «parques de estacionamento». Os automóveis arrumam-se nos «parques» e em qualquer sítio, debaixo das árvores ou entre os arbustos. Os escapes, em contacto com a folhagem, de um perigo de incêndio que, provavelmente, nunca ocorreu a ninguém e muito menos a quem autorizou tais «parques».

Este improvisado «equipamento balnear» é completado pelos estabelecimentos de banhos, instalados «provisoriamente» em construções de madeira, que habitualmente têm a «x» ou um «bar» ou um «restaurante».

Os trinta quilómetros de areal da Caparica (menos os que o mar levou) constituem, hoje, um completo mostruário de «construções provisórias» que, à força de permanecerem, de ano para ano, vão sendo ditadas sobre o chão que oculta. Pelo menos, direitos morais. A sua maneira, os concessionários (p) são os pioneiros da «colonização balnear» da Caparica. Mas será assim que se concretizará a vocação da Caparica para acolher as «grandes massas»? Será com tais infra-estruturas que a Caparica receberá amanhã o viajante que desembarca em Rio Frio ou o cidadão lisboeta fugido à poluição?

Ou estaremos todos a ignorar o privilégio de ter aquela costa disponível a um quarto de hora de Lisboa?

Alguma coisa vai contando nos banhistas. Há mesmo quem se julgue informado acerca de três núcleos para outros tantos núcleos turístico-residenciais a surgir nos sítios denominados de «Terras da Costa», nasce



Uma excepção na Costa de Caparica — esta nova concessão balnear, que nasceu para lá da Fonte da Telha, compreendendo um conjunto com piscina, restaurante, solários e vinte modernas «cabanas» para os banhistas

«Descida das Vacas» e «Fonte da Telha». Projectos que aguardam um despacho favorável das entidades competentes.

Uma excepção

Dé que está feito ressalva-se uma excepção, apenas, em todo o areal da Caparica. Um verdadeiro oásis, no deserto manchado de «construções provisórias», nasce

na Fonte da Telha, discretamente, diríamos, até, insuspeitadamente. É um conjunto balnear constituído por restaurante, piscina, vinte «cabanas», instalações de banhos, parque de estacionamento e solários.

A concessão é recente e integra-se num grande plano turístico-residencial conhecido por urbanização do Pinhal da Aroeira. O complexo balnear está

a ser construído, a resguardo da curiosidade dos habituais frequentadores daquela zona (o acesso é reservado), há cerca de dois anos.

— Já devia ter sido inaugurado — contou-nos um dos técnicos responsáveis — mas surgiram contratemplos que retardaram a conclusão da obra.

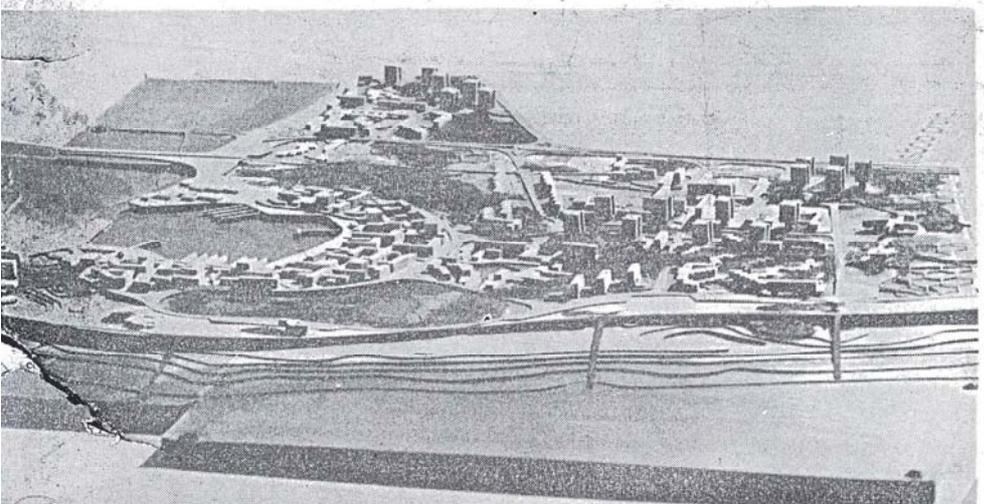
Esta concessão ainda não tem nome. Começa na Fonte da Te-

lha e pode desenvolver-se pelo belo areal que vai até à lagoa de Albufeira. O complexo desdobra-se em linhas harmoniosamente estudadas, de forma a não prejudicar a fisionomia do local. O restaurante dispõe de ar condicionado e aquecimento, equipamento de som e, num recanto, uma agradável lareira. A piscina é aquecida e utiliza água do mar. As «cabanas» garantem uma total independência a quem as alugue: possuem espelhos, chuveiro e instalações sanitárias. Frigorífico sempre abastecido de bebidas e telefone directo à cozinha do restaurante, através do qual podem ser pedidas refeições ou qualquer outro serviço.

A iluminação interior do conjunto é quase toda indirecta, e a exterior está concebida de forma a obterem-se belos efeitos, à noite, com dezenas de pequenos projectores espalhados pelos terraços, telhados e pontos estratégicos do complexo.

A obra está praticamente concluída e deverá ser simbolicamente inaugurada durante este mês. Faltará, entretanto, resolver o problema do acesso, que presentemente se faz por um caminho aberto na falésia, bastante precário.

Será este oásis a primeira nota da futura Caparica? Fica a pergunta para quem souber responder-lhe. Por agora o oásis está escondido...



A «Urbanizadora» tem planos para a Cova do Vapor

A SEGUIR:
«...PARA QUE NÃO SE PERCA O QUE A NATUREZA NOS DEU»

O porto de Lisboa deverá ter dentro de três anos um terminal de tráfego de contentores internacional na zona da Trafaria-Bugio.

O presidente da administração-geral do porto de Lisboa, Moreira Lobo, disse à ANOP que o porto de Lisboa poderá vir a desempenhar um importante papel no tráfego internacional de contentores.

Recordou que o porto de Roterdão é o mais movimentado do Mundo devido a este tipo de tráfego, com 280 milhões de toneladas de carga ano em trânsito.

A construção do novo terminal da zona Trafaria-Bugio, que deverá estar concluído em 1985, foi imposto pelo congestionamento em que nessa altura estará o terminal de contentores de Santa Apolónia, dada a estreiteza do seu terraplano.

Localizado na «testa atlântica» da Península Ibérica, no mais avançado sobre a costa Leste das Américas, o porto de Lisboa é o porto de passagem obrigatória da navegação do Mediterrâneo, da África, das Américas e de todo o Oriente, que se dirige para o Norte da Europa.

O novo terminal surge na sequência de estudos centrados na zona da Trafaria-Bugio para a construção de um grande terminal para cereais, já em execução desde Setembro de 1980 pela Empresa Pública de Abastecimento de Cereais (EPAC).

Acrescentou, também, estar em estudo um terminal para recepção de carvão com o objectivo primordial de abastecer o País.

Moreira Lobo considerou que a escolha correcta do local onde deve ser implantado o terminal para abastecimento de carvão ao País é hoje um dos grandes problemas que preocupa os responsáveis do sector.

Acrescentou, que a AGPL tem em curso um estudo que visa principalmente a escolha do sítio

TRAFARIA SERÁ EM 85 O GRANDE TERMINAL DO PORTO DE LISBOA



O porto de Lisboa movimentou 14 milhões de toneladas de carga e 7 mil navios por ano. É ponto de passagem obrigatório dos navios que demandam a África, as Américas e Ásia — os três maiores continentes do Mundo

da implantação desse futuro terminal.

O carvão será utilizado tanto na produção de energia eléctrica como para a alimentação de siderurgia — e em prazo mais dilatado, para gasificação do carvão e mesmo para o fornecimento de bancas (transporte de petróleo a navios).

7.000 NAVIOS POR ANO EM LISBOA

O porto de Lisboa, que em Maio completa 75 anos de existência,

pelo que é um dos mais antigos de administração portuguesa, do Mundo, perdeu uma grande parte do seu grande movimento dos navios de transporte de petróleo em bruto com a implantação das grandes refinarias em Sines e Leixões.

O porto de Lisboa tem actual-

mente um movimento de 14 milhões de toneladas de carga e cerca de 7.000 navios por ano.

Disse, ainda, que Sines surge repentinamente com um movimento de 12 milhões de toneladas ano, restringidas para o produto petrolífero, considerando o tráfego de entrada e saída.

O presidente da AGPL admitiu que o porto possa vir a deixar de exercer a actividade de rebocues e que também não lhe compete apelar-se com salvadores.

Explicando, disse que essas acções deverão ser desempenhadas por empresas vocacionadas para o mar. Sublinhou que a maioria dos portos espalhados pelo Mundo já não fazem esse tipo de serviço.

Diariamente demandam o porto de Lisboa 15 a 20 navios e embarcam também 40 a 50 mil toneladas de carga marítima — dados referentes a entradas e saídas pela barra — o que o coloca aproximadamente ao nível de Barcelona, em Espanha, ou do porto de Bordéus, em França.

O porto de Lisboa, dada a sua privilegiada localização atlântica, «tem de sair de um tráfego doméstico e projectar-se como grande porto internacional de

contentores» — acrescentou. Considerou como pontos fundamentais, transformar o porto de Lisboa em estruturas de qualidade e prestações de serviços eficientes e competitivos.

Sobre os já «lendários» navios semiafundados no Tejo, o porta-contentores «Tollan» e o baleeiro «Sierra», Moreira Lobo apontou a «necessidade urgente de resolver os problemas criados pelos acidentes».

A exploração do porto de Lisboa abrange toda a margem direita do Tejo, desde a doca de Santo Amaro, junto à ponte sobre o Tejo, até às zonas da Matinha e Beirolas.

Todos os navios que entram no porto de Lisboa, com excepção dos portugueses que se dedicam à pesca, ou a pequena cabotagem costeira, pagam uma taxa de arqueação bruta.

Na exploração do porto compreendem-se todos os serviços do seu tráfego, incluindo cargas, descargas, transportes, armazenagem, manipulação e operações semelhantes, com excepção do tráfego do despacho da alfândega.

O porto de Lisboa tem presentemente um efectivo total de cerca de 2500 funcionários.

Figura 23 - Notícia Fonte Correio da Manhã de 18/01/1982

Maioria dos moradores fixos são idosos e reformados

No bairro vivem 400 pessoas, mas não há esgotos

A improvisação é um elemento dominante na Cova do Vapor, onde os espaços e os estabelecimentos comerciais são polivalentes. Esgotos não existem.

No bairro habitam em permanência cerca de 400 pessoas, maioritariamente idosos e reformados. No Verão, as ruas enchem-se com os seus netos em férias escolares ou com os habitantes sazonais que ali procuram algum descanso na praia.

As casas abarracadas de maneira juntam-se outras de alvenaria. Proliferam anexos, quintas e construções indecifráveis ao longo das ruelas que serpenteiam o bairro. Há um campo de basquete

com a enferrujada vedação arrombada, um antiquado parque infantil e até um denominado «espaço de lazer ambiental», pequeno local com mesas que a Associação de Moradores construiu com as quotasções que recolhe, para que os vereantes possam ali merendar.

O bairro tem recolha de lixo, luz eléctrica, telefone, água canalizada e algumas instalações de televisão por cabo. Esgotos é que não existem, apenas fossas. Os estabelecimentos comerciais aliam vários usos, de café e mini-mercado a mercado e centro de convívio. Tudo é polivalente e improvisado na Cova do Vapor.

Bairro típico de pescadores continua com futuro incerto

É difícil agir, porque várias entidades tutelam o bairro

A diversidade de entidades que tutelam a área da Cova do Vapor complica qualquer intervenção. A maior parte dos terrenos onde estão instaladas as habitações pertence à Urbanizadora Praia do Sol, do grupo Ensul, mas na Cova do Vapor juntam-se as jurisdições de várias entidades, como a Direcção-Geral dos Portos ou o Ministério do Ambiente.

Antónia Lopes, presidente da Junta de Freguesia da Trafaria, lembra que quando a autarquia encetou conversações para dotar a Cova do Vapor de transportes públicos, o processo foi muito moroso e complicado devido a esta sobreposição de poderes. As

ruas, aliás, pertencem à Direcção-Geral de Portos, sendo necessário autorização para as alcatroar. O futuro é incerto, tanto mais que a urbanizadora Praia do Sol possui um projecto para um empreendimento turístico e o Plano de Ordenamento da Orla Costeira também poderá ter uma palavra a dizer sobre o assunto. A autarquia diz que a urbanizadora coloca a hipótese de manter a Cova do Vapor como um bairro «típico» de pescadores, mas, embora garante que a junta de freguesia não esquece aqueles que têm ali a sua única morada, conclui que, «de certeza, que a situação vai ter de ser revista».

Figura 24 - Notícia Fonte: Correio da Manhã de 23/06/1995

Cova do Vapor com futuro incerto

António
Luís >>>>

A Associação de Moradores da Cova do Vapor pretende lutar até às últimas consequências para que esta relíquia urbana e social, com um rico historial e tradição turística, não desapareça do mapa. A pretensão de transformar este aprazível local, onde muitos lisboetas se refugiam durante o Verão, numa área turística remonta aos anos 50

A COVA do Vapor, uma povoação clandestina com cerca de trezentos habitantes permanentes, situada em terrenos privados na freguesia de Trafaria, em Almada, corre o risco de desaparecer do mapa, para dar lugar a um empreendimento turístico.

Questões de propriedade dos solos onde as casas foram erguidas e lógicas de protecção ambiental que colidem com a história da povoação e com os interesses dos moradores estão a constituir-se como um motivo de preocupação de quem lá vive. No entanto, a situação continua por esclarecer.

O Plano de Ordenamento da Orla Costeira da Zona Sintra-Sado (POOC) encontra-se ainda em elaboração, pelo que ainda é cedo falar do futuro da povoação, que é 'beijada' por uma praia popular, por excelência, onde tantas famílias de Lisboa procuram, há muitos



Os moradores dizem que vão até às últimas consequências para salvarem aquela que é uma das zonas mais típicas de Almada

Praia apetecida

A PRAIA da Cova do Vapor, que na década de 30 era servida pelos barcos a vapor "Zagaia" e "Flebhã", com carreiras oriundas de Lisboa, era muito apetecida pelos banhistas de Lisboa, sobretudo devido aos bons ares para os doentes e à sua localização geográfica, o que ajudou a implementar na zona um turismo rudimentar. A Trafaria e a Cova do Vapor eram consideradas praias rivais de Pedrouços e Cruz Quebrada. As águas invernosas invadiram várias vezes este local de veraneio, fa-

zendo desaparecer, aos poucos, a praia e tendo destruído as habitações de madeira. Com a ajuda de juntas de bois, foi possível reboçar as praias locais onde as águas do mar não chegassem. Apesar de a fúria do mar ter destruído muitas casas, os veraneantes reconstruíram de novo as suas barracas de forma a gozarem ali as suas férias de Verão. Actualmente ainda é possível apreciar no local algumas dessas habitações históricas, embora com algumas remodelações.

anos, refúgio durante a época de veraneio. «Já há muito anos que se fala na destruição de uma parte da aldeia para aqui se construam hotéis e um campo de golfe», revela Guilherme Pais, vice-presidente da Associação de Moradores. No entanto, «estamos a lutar para que isso não aconteça», tendo os moradores realizado já várias reuniões com a Câmara Municipal de Almada e a Junta de Freguesia de Trafaria. Uma advogada, contratada pela associação, está a tratar do processo para que a Cova do Vapor não seja condenada a desaparecer e continue a deliciar os turistas que a visitam nos meses quentes de Verão.

Vila piscatória de qualidade

Apesar de os moradores terem consciência da necessidade de se efectuarem algumas melhorias na estrutura do bairro, o responsável refere que «pode haver uma alternativa para o futuro da Cova do Vapor», de forma a que a aldeia não desapareça por completo. Sobre o Plano de Pormenor previsto para a área, Guilherme Pais diz que a associação quer ser ouvida na matéria e comprovar que «é possível criar um bairro piscatório de grande nível». Devido à grande riqueza do historial da povoação, que está a ser pesquisado e preparado pelo professor Jorge Santos, o reformado da Lisnave adianta que «é preciso combater as pretensões do POOC», uma vez que a Cova do Vapor nasceu de um bairro de pescadores mandado construir pelo governo de Américo Tomás, e onde Beatriz Ferreira, fotógrafa do extinto jornal "O Século" e do Presidente da República da altura possuía uma habitação de veraneio e um restaurante de madeira que os temporais da barra do Tejo levaram e destruíram várias vezes.

Para o responsável, o ideal seria a Cova do Va-

apesar de ainda nada estar definido os moradores rezeiam que a zona possa vir a ser arrasada a favor liantam, uma vez que dizem ser possível transformá-la mantendo a tradição e as suas raízes históricas

por transformar-se numa vila piscatória com melhores condições e qualidade de vida. «Se o processo for bem trabalhado, com o nosso apoio, a aldeia pode vir a transformar-se numa moderna vila piscatória como existe em vários locais do país», sublinha Guilherme Pais, para quem ainda existe uma restrição de esperança na preservação de um local aprazível: «Vamos lutar dentro das nossas possibilidades e até aos últimos limites. A nossa povoação tem um rico historial e nós não caímos aqui de pára-quedas. Estou convencido que vamos conseguir porque nós não estamos dispostos a sair daqui».

Após o 25 de Abril de 1974, a povoação foi alvo de «uma anarquia total». A Cova do Vapor, onde existiam casas de madeira que se destinavam essencialmente aos veraneantes, pescadores e suas famílias, com autorização do Governo, passou a ser invadida por pessoas de fracos recursos económicos que ergueram as suas habitações em alvenaria. A empresa «Praia do Sol», dona dos terrenos, ao apertar-se dos abusos de algumas pessoas, teve de estabelecer um limite para a construção das habitações, construindo vedações no local. No total, residem actualmente na Cova do Vapor, uma povoação singular e um museu de vivências antigas, cerca de 300 pessoas, dos quais 20 são pescadores. Os que ali se deslocam apenas no Verão rondam as 1000 pessoas.

Oportunismo de alguns

Sem saneamento básico nem serviços públicos, a população da Cova do Vapor, que paga anualmente a sua contribuição autárquica, utiliza as fossas sépticas para despejar os esgotos e as águas poluídas. A electricidade e a rede de água pública foram conseguidas com a luta persistente das comissões de moradores e com o contributo da autarquia almadeense, que atribuiu um apoio mensal à associação na importância de 1745 euros. A limpeza das ruas, que não são asfaltadas e cuja toponímia é esculhida pelos moradores, é feita por varredores pagos pela associação de moradores.

Guilherme Pais, que não tem garantias de realojamentos na Cova



Os habitantes querem participar na elaboração do plano de desenvolvimento da zona

do Vapor, caso a povoação seja demolida, afirma que as pessoas que estão recenseadas na freguesia e que vivem permanentemente na povoação «não podem ir para debaixo da ponte», pelo que «as entidades têm de arranjar casas para elas». Contudo, o responsável admite que tenha havido «oportunismo de algumas pessoas que para aqui vieram morar com o intuito de lhes ser dada uma nova habitação». Para combater estes oportunismos, a associação de moradores está a dar pareceres detalhados a autarquia sobre estes casos.

Em matéria de segurança, a Cova do Vapor goza de boa saúde. «Somos um caso extraordinário nessa matéria. Temos paz e sossego. No Verão, de vez em quando, é que surgem por aí umas confusões».

Praia com nadador-salvador

Uma vez que a praia é frequentada por milhares de pessoas, a associação solicitou material de apoio ao Instituto de Socorros a Náufragos para a implantação de um posto de assistência a banhistas, com nadador-salvador cedido pelos bombeiros da Trafaria. Todas as despesas são da responsabilidade da associação de moradores. «É uma verba elevada para o nosso orçamen-

to, mas com a ajuda da câmara e das receitas de um pedetório à população, tentamos solucionar o problema», explica Guilherme Pais. Por mês, as despesas da associação rondam os 1000 euros.

O presidente da Junta de Freguesia da Trafaria aguarda que a Câmara de Almada avance com o arranque do estudo de pormenor para a povoação. «Naturalmente que, em altura própria, a população do bairro e as partes interessadas serão ouvidas sobre o processo», acrescentando que «se não há estudo de pormenor feito, dá-me vontade de rir quando se fala na construção de hotéis e de um campo de golfe para a localidade», dando com isto a entender que «ainda não existem projectos nenhuns» para a Cova do Vapor.

Luis Hermenegildo esclarece que após o parecer de todas as partes interessadas no futuro da Cova do Vapor é que serão estudadas ideias e soluções para a área. «Ainda é muito cedo para falar no assunto», declara, reconhecendo que o estudo tem de avançar dentro das disponibilidades da autarquia», salientando que a Junta de Freguesia «não tem responsabilidades em termos de planeamento urbanístico».

Apesar de várias tentativas não nos foi possível, até ao fecho da edi-

ção, obter declarações de membros do executivo da Câmara de Almada sobre o assunto.

Associação dinâmica

O PAPEL da Associação de Moradores da Cova do Vapor, que possui cerca de 400 associados e que sobrevive apenas da quotização dos seus sócios e de iniciativas realizadas ao longo do ano, como é o caso dos pedetórios, das festas e das receitas de exploração do bar, tem sido preponderante para o desenvolvimento da localidade.

Para além do pavilhão que serve de sede à associação, e onde são realizadas muitas das actividades da população local, foi também instalado um posto de socorros, que no Verão constitui o único serviço de assistência aos banhistas.

Ao lado, está erguido um pequeno campo de jogos e um parque infantil. O mercado, que também serve de sala de convívio, restaurante e café, tem a designação de «25 de Abril de 1974».

O posto transformador de energia eléctrica, o minijardim, as fossas subterrâneas que armazenam as lamas e as águas das chuvas, e outros equipamentos necessários ao bem-estar das pessoas que ali vivem, são fruto do trabalho da anterior comissão e da actual associação de moradores.

Essas pessoas, que conseguiram «feitos históricos» para a povoação, já foram alvo de homenagem, e são, por sinal, «os que aqui não habitam permanentemente», diz o dirigente da associação. Como actividades para os associados, esta entidade que representa os moradores da Cova do Vapor, desenvolve várias actividades lúdicas e culturais ao longo de todo o ano, das quais se destacam as festas para assinalar o Natal e o 25 de Abril, bem como diversas provas desportivas, como futebol de salão e basquetebol.

AMBIENTE ■ INSTITUTO DA ÁGUA CHUMBA PROJECTO

Campo de golfe vetado em zona de risco na Trafaria

Construção previa ainda hotéis, habitações e zonas de comércio e serviços

ANDRÉ PEREIRA

O Instituto da Água considerou a zona da Cova do Vapor, na Trafaria, uma área de grande risco, devido à proximidade dos locais afectados pelos avanços do mar, chumbando, por isso, a construção de um campo de golfe, hotéis, habitações e áreas comerciais naquela zona.

De acordo com Orlando Borges, presidente do Instituto da Água (INAG), o veto ao projecto de construção em terrenos envolventes a São João, na Costa de Caparica, é justificado por ser considerado "uma zona vulnerável".

Margarida Almodóvar, arquitecta do INAG, explicou as razões do veto ao plano de pormenor (no qual são propostas as linhas gerais daquele projecto) por considerar que se trata de uma zona "de grande risco", próxima dos locais afectados pelos avanços do mar. O INAG sustenta que o plano de pormenor deverá guiar-se pelo "princípio da precaução", tendo em conta que o projecto prevê uma "nova frente de construção com elevada ocupação humana" numa zona junto à costa de grande vulnerabilidade.

O terreno é da Urbanizadora Costa do Sol, que fez uma parceria com a Parque Expo para a elaboração de estudos e dos planos de pormenor do projecto, e destina-se à renovação urbana de uma área de 123 hectares onde actualmente está uma instalação militar e várias habitações ilegais com demolição prevista.

António Neves responsabiliza Orlando Borges pelos estragos



▲ ZONA DA TRAFARIA NECESSITA DE SER REQUALIFICADA, AFIRMA PRESIDENTE DA JUNTA DE FREGUESIA

OUTRAS NOTAS

PROTECÇÃO

Francisca Parreira afirmou que a zona do Segundo Torrão também foi afectada pelo avanço do mar, há quatro dias, "uma situação que não foi mediatizada como a da Costa de Caparica". A autarca afirma que o pedido de ajuda à Protecção Civil Municipal "foi recusado".

NUNES CORREIA

O ministro do Ambiente, Nunes Correia, deverá ser ouvido em sede de comissão parlamentar em virtude dos problemas que estão a suceder na Costa de Caparica. A proposta partiu do PSD e foi imediatamente aceite pelos deputados da oposição que hoje vão reunir.

EX-MINISTRA

A ex-ministra do Ambiente Elisa Ferreira criticou a ocupação da orla costeira, defendendo que o ordenamento deve ser encarado de forma séria, para evitar gastar verbas públicas na protecção de construções em zonas de risco. Elisa Ferreira foi ministra entre 1995 e 1999.

Francisca Parreira, presidente da Junta de Freguesia da Trafaria, assegurou desconhecer a decisão do INAG, mas protesta, dizendo que "é uma freguesia esquecida pela Câmara Municipal de Almada há mais de 20 anos".

Defendendo ser necessária uma intervenção de requalificação e ordenamento do território da Trafaria, a autarca sustenta que a solução terá de prever um equilíbrio entre a protecção ambiental e a população.

O projecto de construção para a Costa da Trafaria, que previa um campo de golfe, unidades hoteleiras, habitações (de alta e baixa densidade) e ainda unidades de comércio e serviços, começou a ser desenvolvi-

A tragédia da Costa

MANUEL CATARINO



Os autarcas andam há 30 anos a construir alegremente onde o bom-senso e a prudência proibem. O caso da Costa de Caparica é apenas um entre centenas. Agora – que o mar avança e ameaça o alcatrão, as rotundas, os fontanários e todas as obras, enfim, em que os eleitos locais são mestres – exigem muralhas de pedra e betão contra as ondas, gritam por um milagre que afaste o oceano. O parque que o Clube de Campismo de Lisboa explora na Caparica, a dois passos da baixa-mar, está em risco – e também está onde não devia estar. Para o salvar, contas feitas à areia e pedras que o Instituto da Água ali tem despejado, o Estado já gastou 28 milhões de euros – o que faz daquele pardieiro, repleto de tendas e rolotes de segunda habitação, no mais caro parque de campismo do Mundo. Os nossos autarcas, homens e mulheres de rara visão e apurado sentido de responsabilidade, detestam planos. A Câmara de Almada instalou a estação de bombagem das águas residuais da Caparica em terreno que pertence ao mar: uma onda terá o efeito de um tsunami.

"Chefe de Redacção"

do em 2004, com a aprovação da Câmara de Almada, tendo sido realizados estudos de caracterização ambiental, social, económica, urbanística, paisagística e de mobilidade com vista a um diagnóstico da área de intervenção.

Este troço de costa está inserido no âmbito territorial da Orla Costeira Sintra-Sado, cujo Plano de Ordenamento da Orla Costeira (POOC) identificava a Cova do Vapor como uma das "áreas problema".

A Unidade Operativa de Planeamento e Gestão (UOPG) da Cova do Vapor a São João da Caparica – prevista nesse plano – refere a hipótese de equacionar a construção de um campo de golfe, salvaguardando os valores ambientais. ■

PRESIDENTE DO INAG SOB FOGO

António Neves, presidente da Junta de Freguesia da Costa de Caparica, pediu a demissão do presidente do Instituto da Água, Orlando Borges, acusando-o de ser o principal responsável pelos avanços do mar. "O Instituto da Água devia ter iniciado os trabalhos imediatamente a seguir à abertura dos primeiros rombos e não depois da catástrofe. Podíamos gastar alguns tostões e agora estamos a gastar alguns milhões",

afirmou o autarca. Clotilde Morais, vice-presidente, corrobora António Neves, e acrescenta que "a única prenda que Orlando Borges podia dar aos campistas do CCL seria demitir-se". Sem responder directamente às acusações de que é alvo, Orlando Borges afirmou que o parque de campismo já deveria estar desocupado. "Por que é que as tendas não foram desmontadas ou não recuaram as rolotes, que era o mínimo que se podia fazer", questionou. ■



Figura 27 - Notícia Fonte Correio da Manhã de 27/03/2007

[CAPARICA E TRAFARIA

Chumbada minicidade para a Cova do Vapor

O Instituto da Água não aprovou o projecto da Câmara de Almada para a Cova do Vapor, na Caparica, que previa a construção de um campo de golfe, habitação, comércio e hotéis, por considerar que se trata de uma zona "de grande risco". A Quercus estranha as "duas medidas" do ministério da tutela, que aprovou outros projectos em condições semelhantes

Marina Almeida e Cláudia Monteiro*

O projecto da Câmara Municipal de Almada para a zona da Cova do Vapor, uma aldeia piscatória na Costa de Caparica, não deverá sair do papel depois do parecer negativo do Instituto da Água (Inag), ontem conhecido. A Quercus aplaude esta posição, considerando-a "de bom senso", mas estranha decisões em sentido contrário noutras zonas costeiras, como o litoral alentejano.

O plano da autarquia contemplava a construção de um campo de golfe, unidades hoteleiras, habitações, comércio e serviços, num terreno de 123 hectares propriedade da urbanizadora Costa do Sol. O Inag considera que se trata de uma zona "de grande risco", próxima dos locais afectados pelos avanços do mar. Margarida Almodôvar, arquitecta do Inag, disse à Lusa que o plano de pormenor deverá guiar-se pelo "princípio da precaução", tendo em conta que o projecto prevê uma "nova frente de construção com elevada ocupação humana" numa zona junto à costa de grande vulnerabilidade.

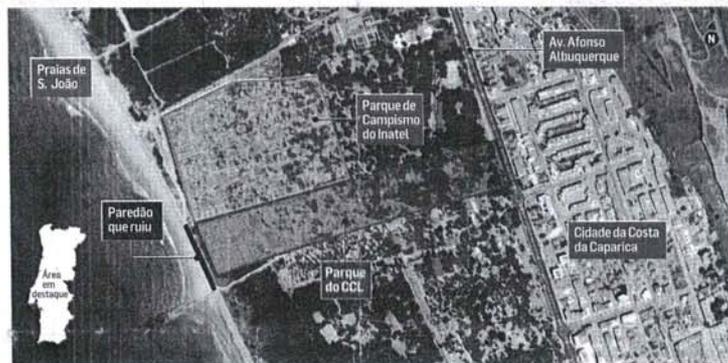
Para Hélder Spínola, dirigente da associação Quercus, o Inag "está mais sensível" devido à situação na Costa de Caparica, "mas não pode olhar de uma forma tão restrita apenas para aquela zona, existem locais da nossa orla costeira que são sensíveis e não tiveram problemas porque não foram cometidos grandes erros". Para o ambientalista, "não podemos ser exigentes apenas em zonas massacradas, devemos prevenir que os problemas surjam noutras zonas da nossa costa".

Hélder Spínola cita os projectos "muito próximos da orla costeira" aprovados pelo Governo: "Na costa alentejana [loteamento da Herdade da Costa Terra e da Herdade do Pinheiro], dois projectos em cima da Rede Natura 2000, e a unidade da Pescanova, em Mira."

O projecto para a Cova do Vapor foi feito em parceria com a Parque Expo e implicava a demolição de habitações ilegais. Para a presidente da Junta de Freguesia da Trafaria, Francisca Parreira, é necessária a requalificação e ordenamento do território na Trafaria, "uma freguesia esquecida pela câmara municipal há mais de 20 anos". A autarquia considera que a solução ideal passaria pela requalificação aliada à protecção do ambiente e pessoas residentes na freguesia.



Plano | O avanço do projecto implicava a demolição das casas da Cova do Vapor, ex-zona de veraneio de muitas famílias



DADOS DO PARQUE DO CCL

Tamanho	8 hectares
Capacidade (tendas)	850 alvéolos
Capacidade (pessoas)	2500 pessoas
Nº de pessoas a acampar (actualmente)	400

CURIOSIDADES

É dos mais antigos parques de campismo do país. Dia 24 de Junho faz 55 anos. Nos anos 80, tinha capacidade para 1100 alvéolos. Novas leis obrigaram ao aumento do espaço entre as tendas e à redução destes.

ESTRAGOS

No pior dia (20 deste mês), a água avançou 70 metros no parque, fazendo estragos em 60 a 70 alvéolos. Estão a ser retiradas 180 toneladas de areia que foram arrastadas pelas águas para dentro do CCL da Caparica.

Avanços do mar na Costa de Caparica abrem guerra com o Inag. Presidente da junta pede demissão de Orlando Borges

O DN contactou a Câmara Municipal de Almada mas, até à hora de fecho desta edição, não obteve uma reacção à decisão do Inag.

CCL quer três estrelas

"Queremos que o parque do Clube de Campismo de Lisboa (CCL), na Costa de Caparica, venha a ter três estrelas", disse ao DN o presidente do CCL, Luís Duarte diz que

actualmente o CCL, que tem vindo a ser fustigado pelos avanços do mar, é um parque associativo-desportivo, mas que, no futuro, "pretende vir a ser um parque de três estrelas".

O equipamento deverá recuar os 150 metros que o Plano de Ordenamento da Orla Costeira Sintra-Sado prevê para a zona, mas desconhece-se quando. O Polls da Costa de Caparica prevê que os parques do CCL

As férias dos pobres

A Cova do Vapor é uma aldeia de casas clandestinas que cresceu como destino de férias de famílias de pescadores. A meia centena que ali assentou arraias foi-se habituando aos avanços do mar. Nos anos 40 do século passado muitas das casas de madeira tiveram de ser desmontadas e construídas longe do mar. Nos anos 90, o problema tornou-se mais sério, com a retirada de muitos metros cúbicos de areia para as obras da Exposição Mundial de Lisboa. "Entre a Cova do Vapor e o Bugio havia uma língua de areia, que foi retirada em 1996-1997 para alimentar a construção da Expo'98. A partir daí, as correntes marítimas mudaram e começaram a comer as dunas", dizia um conhecedor da zona ao DN em Janeiro. Entretanto, com a saída de algumas famílias, as construções foram sendo ocupadas por imigrantes.

Norte, CCL Sul, Clube de Campismo do Concelho de Almada e Sociedade Filarmónica União Artística Piedense sejam transferidos para a zona do Pinhal do Inglês (Aroeira). Luís Duarte nega que o CCL Norte esteja para sair da sua actual localização referindo que apenas está previsto o seu recuo e requalificação.

O DN solicitou ao presidente do CCL autorização para visitar o parque. Luís Duarte afirmou que "para já é impossível porque a Protecção Civil não deixa entrar ninguém no parque além das pessoas que estão a retirar os seus bens". No entanto, ao DN a Protecção Civil garantiu que não impôs qualquer proibição e que no parque entra quem os seus responsáveis quiserem.

Inag e junta trocam acusações

O presidente da Junta de Freguesia da Costa de Caparica, António Neves, pediu ontem a demissão do presidente do Inag, Orlando Borges, alegando que o avanço do mar na Costa de Caparica se deve à "inoperância do Inag, que deveria ter agido logo no final de Fevereiro, quando o paredão começou a ceder".

O presidente do Inag recusou-se a comentar, mas questionou "por que motivo as tendas não foram desmontadas e as *raulottes* recuadas". O presidente do CCL alegou que "não retiraram os bens porque contavam que o paredão fosse consolidado em Fevereiro, como estava previsto, mas não o foi".

-DECLARAÇÃO-

----- Eu, abaixo assinado, Manuel Augusto Lopes Valente, solteiro, pescador e residente na Cova do Vapor, para os devidos efeitos declaro voluntariamente que a barraca em que habito foi construída pela Junta Central das Casas dos Pescadores - após a destruição pelas águas da barraca a que me acolhia - tendo-me sido autorizada a sua utilização.

----- A referida barraca é composta de 3 divisões e uma casa de banho e está situada na Cova do Vapor, assumindo eu a responsabilidade pela sua conservação. -----

----- Mais declaro que me comprometo a solicitar autorização a Junta Central das Casas dos Pescadores para efectuar quaisquer alterações que possa pretender e, quando deixar de a utilizar, a proceder à sua entrega em condições de poder ser habitada.

Lisboa 19 de Junho de 1962

Manuel Augusto Lopes Valente

Foram testemunhas desta declaração:

Manuel Francisco Serra Junior
Manuel Francisco Serra Junior

22 Ten. s.g.

Manuel Gomes Rodrigues

Manuel Gomes Rodrigues
Cabo de mar de 1ª classe

Figura 29 – Documento relativo à reconstrução de Habitação

Carta de Augusto Valente de 1962 que confirma a reconstrução da Barraca de Madeira pela Junta Central das Casas dos Pescadores



Excel^{mo} Sr. Governador
Militar de Lisboa

Angelo Jorge Duarte, casado, profissão Torneiro em
Madeiras, Morador na Cruz de Sta Helena N.º 11-
2.º andar à Calçada de S. Vicente

Dezede mandai construir, na Cova do Vapor
Freguesia da Trafaria, Concelho de Almada.

Uma farraca de madeira desmontavel e fôrma,
situada no terreno alugado à Delegação Marítima
da Trafaria, conforme o projecto que junta.

Como o terreno está
sujeto a servidão Militar
Pede deferimento

Lisboa 25 de Março de 1948

Angelo Jorge Duarte

Figura 30 - Exemplo de um pedido de autorização de 1948

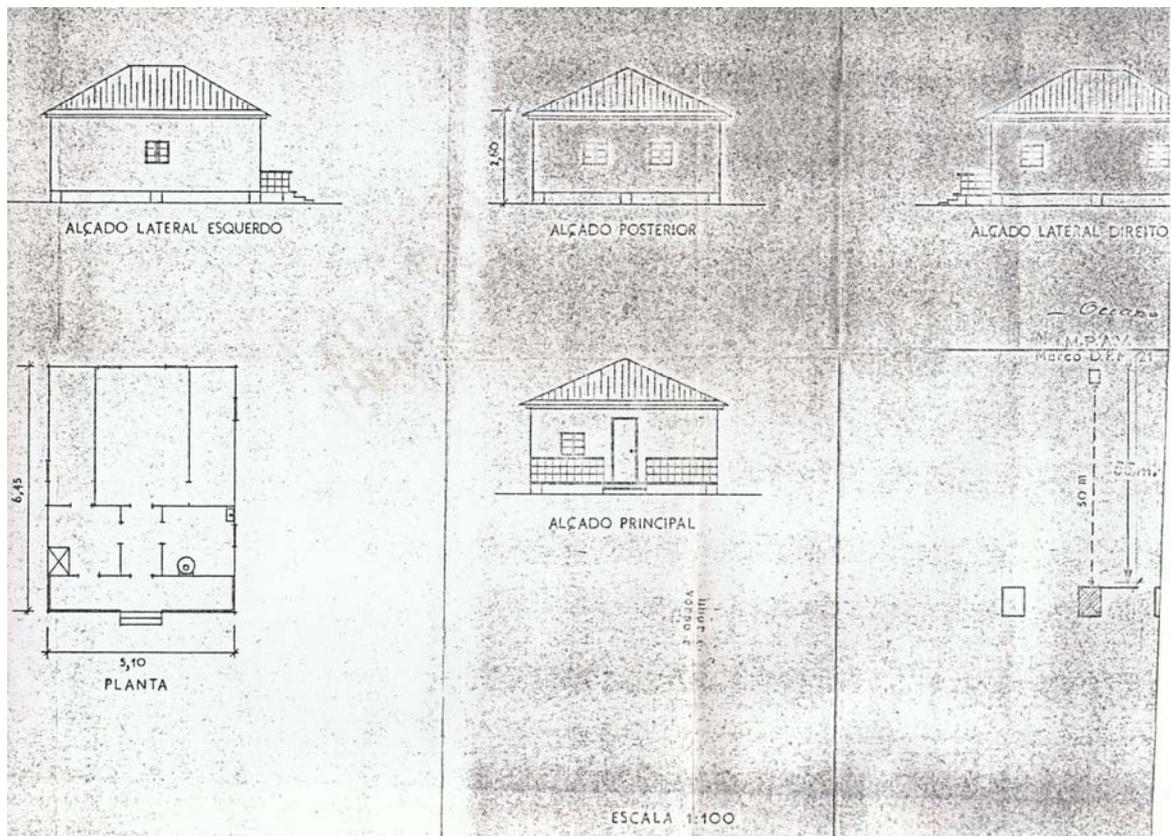
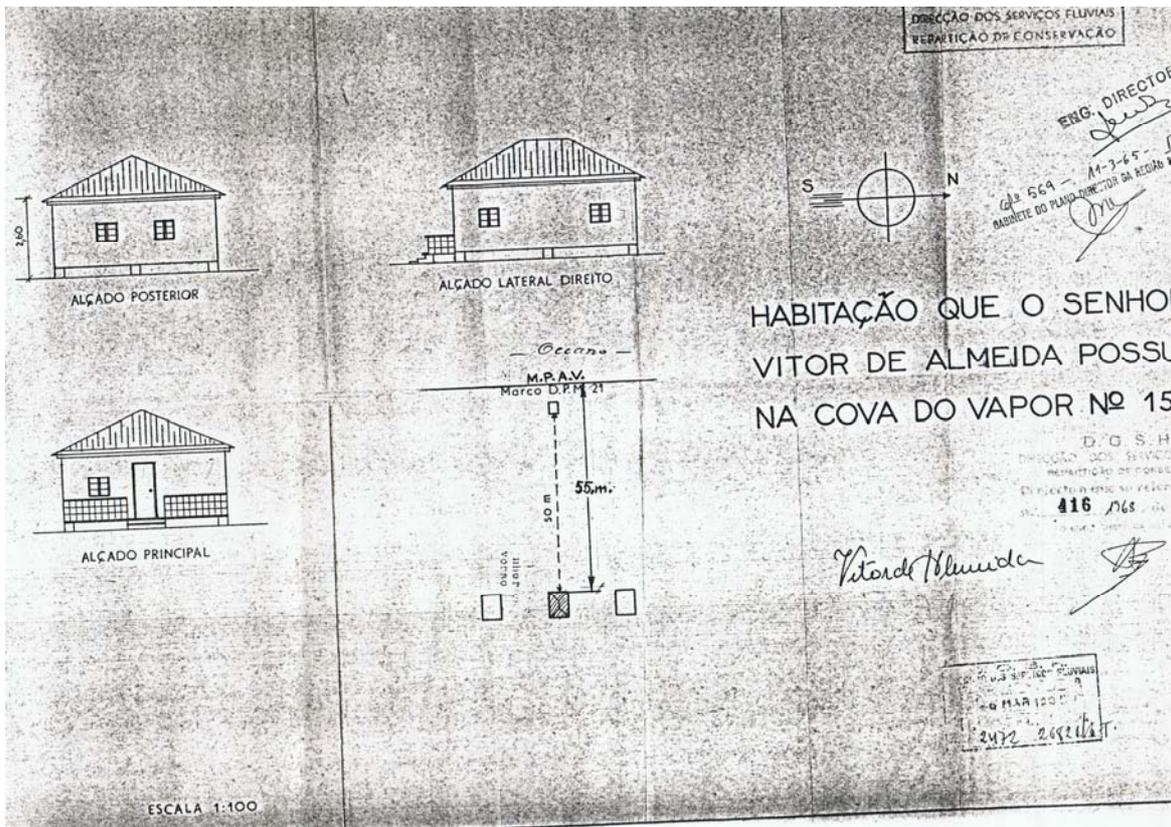


Figura 31 - Exemplo de planta apresentada em 1968

GOVÉRNO MILITAR DE LISBOA

QUARTEL GENERAL

Licença N.º 4964/S.

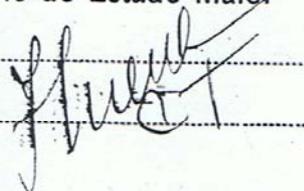
Em conformidade com o disposto no art.º 10.º do Decreto N.º 15.723 de 14 de Julho de 1928, manda S. Ex.ª o General Governador declarar que foi concedida licença a Alfredo Dias de Tiqueteiro para construir uma barraca de madeira desmontavel

tendo sido lavrada a competente ~~escritura~~ ^{terno} perante o mesmo Ex.º Sr, em 27 de Janeiro de 1941.

Esta obra deve ser executada segundo o projecto junto a esta declaração o qual vai ser rubricado pelo Comandante de Engenharia d'este Govérno e selado com o respectivo sêlo branco.

Quartel General em Lisboa, 1 de Fevereiro de 1941.

O Chefe do Estado Maior



MODÉLO 99

1964-29

Figura 32 - Exemplo de autorização concedida em 1941

DELEGAÇÃO MARÍTIMA DA TRAFARIA



Barraca N.º A-26 C.V.

N.º do registo.....

Nome Alfredo Dias de Figueiredo
Idade 41 anos Estado casado, profissão empregado do Banco de Portugal residente na R. Arnaldo Pereira, n.º 9-20
Ristor, declara possuir uma barraca de madeira,

situada no Cora do Vapor com as seguintes dimensões:
Comprimento 5 m Largura 3,5 m Altura 2,5 m com 1 portas,
8 janelas, 1 postigos.

A porta principal está voltada para..... A pintura geral é de
côr verde.

Adquiri a barraca há 2 anos por construção. Não tem vedação exterior..... a vedação é feita por
meio de ter um portão ocupando 5 metros
de terreno descoberto.

Tem 4 divisões interiores, assim descritas: 2 quartos com telhas
1 casa de banho
1 cozinha com a respectiva chaminé

Não tem sótão que serve para ter um portão para arrumação de quatro máquinas
Não tem poço com..... metros de profundidade, e é coberto.

O material de cobertura da barraca é telha, tipo marcelha

Esta declaração não é acompanhada de planta (desenho).

Trafaria, em 9 de Mais de 1942

O Declarante,

Alfredo Dias de Figueiredo

Visto

O DELEGADO MARÍTIMO,

Rectifiquei

O CABO DE MA



802-841 - Tip. Vieira - Praça Afonso de Albuquerque, 5 e 6 - Belem

Figura 33 - Confirmação da construção da barraca em 1942

Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.



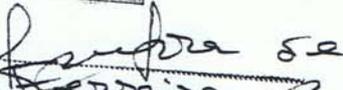
Processo
N.º 241.312

Declaração

Eu abaixo assinado, declaro que sendo a minha parte da barraca de madeira sita na Loba do Vapor, Freguesia da Trafaria ou seu primo, Alexandre Cardoso pela importância de 2.000\$00 (dois mil escudos)

Lisboa, 24 de Janeiro de 1967

Olimpino  Constancio

Reconheço o sina 
Olimpio Ferreira Constancio

Lisboa, 2.º Cartório Notarial, a cargo do Notário Lda. António
Lopes Fernandes Costa, aos 24 de Jan. 1967
Conto N.º 9.º Esc.º 3.º O AJUDANTE,

Figura 34 - Exemplo de passagem de proprietário da habitação em 1967

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS FLUVIAIS
REPARTIÇÃO DE CONSERVAÇÃO

PROC.º N.º 20 820/6-T

REGISTO N.º 981/70 L.º 16

EM 16 OUT 1970

O ENG. CHEFE DE REPARTIÇÃO

LICENÇA N.º 981 /1970

Pela DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS HIDRÁULICOS é concedida
a **VITOR DE ALMEIDA,**

a presente licença, requerida nos termos do Decreto n.º 8, de
1 de Dezembro de 1892, e seu regulamento de 19 do mesmo mês e
ano, modificado pelo Decreto de 21 de Janeiro de 1897 e mais
legislação em vigor, para **manutenção de uma barraca de madei**
ra, na Cova do Vapor,

freguesia de **Trafaria**, concelho
de **Almada**, distrito
de **Setúbal**, tendo sido pagos os emolumentos
devidos por meio de estampilhas fiscais, coladas no duplicado
deste diploma, nos termos do Decreto n.º 26 944, de 27 de Agosto
de 1936, ficando o seu titular sujeito às seguintes condições:

- 1.ª - A obra será mantida em harmonia com o respectivo projecto
e segundo as indicações da fiscalização destes Serviços;
- 2.ª - A obra será somente utilizada para **habitação,**
fim que não pode ser alterado sem prévia autorização superior;

MR/MM
Conf.

Figura 35 - Modelo usado para renovação da licença da construção em 1970



- 3.ª - Esta licença é concedida a título precário, sem prejuízo de direitos de terceiros e com a condição expressa de que, se por razões de interesse público, incluindo a execução de planos de urbanização superiormente aprovados, ou da navegação e flutuação, for necessário desfazer ou alterar a obra a que ela se refere, o seu titular não terá direito a indemnização alguma, nos termos do Regulamento dos Serviços Hidráulicos e mais legislação aplicável;

- 4.ª - As despesas com vistorias extraordinárias inerentes à execução desta licença, ou as que resultarem de reclamações justificadas, serão suportadas pelo seu titular;

- 5.ª - Esta licença não pode ser transferida, a qualquer título, sem autorização superior;

- 6.ª - O objecto da licença fica sujeito à polícia e fiscalização de todas as autoridades com jurisdição no local, obrigando-se o titular da licença a facultar o livre acesso aos agentes dessas autoridades de modo que possam exercer as suas funções com eficiência;

- 7.ª - O titular da licença deverá respeitar todas as leis e regulamentos aplicáveis e munir-se de quaisquer outras licenças exigíveis por outras entidades;

- 8.ª - Da inobservância de qualquer das condições impostas resulta imediatamente a perda de todos os direitos conferidos por esta licença;

- 9.ª - Os litígios que surjam relativamente a esta licença serão resolvidos pelos tribunais portugueses.

- 10ª. - Esta licença, é válida pelo prazo de dois anos a contar de 1 de Janeiro de 1969, podendo ser prorrogada se o seu titular assim o requerer com a antecedência mínima de trinta dias do seu termo e ao Estado convier;
- 11ª. - A presente licença apenas permite a manutenção da construção nas condições em que foi anteriormente licenciada, não podendo, portanto, o seu titular proceder a quaisquer obras de remodelação ou ampliação;
- 12ª. - O projecto citado na 1ª condição é o que instruiu a licença nº 416/1968, de 12 de Julho de 1968;
- 13ª. - A presente licença anula e substitui a licença mencionada na condição anterior.

LISBOA e DIRECÇÃO - GERAL DOS SERVIÇOS HIDRÁULICOS, em 16. OUT. 1970

O ENGENHEIRO DIRECTOR-GERAL

António de Almeida



CUSTO DA LICENÇA

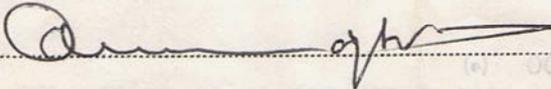
Emolumentos	100	5	00	(a)
Imposto de selo	12	5	00	(b)
Termo de responsabilidade	86	5	00	(a)
Total	198	5	00	

a) - Selos inutilizados no duplicado da licença
 b) - Selos inutilizados no original

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Aos sete - - - - - dias de Novembro - - - - - de mil
novecentos e setenta - - - - - , perante o Chefe da 1ª Sec
ção Hidráulica, Clarimundo João de Sá Viana Cardoso - - - - -
representante dos Serviços Hidráulicos, compareceu **Ytor de Almeida**
morador (ou com sede ou escritório) em **Cova do Vapor** - - - - -

freguesia de **Trafaria** - - - - - , Concelho
de **Almada** - - - - - , distrito
de **Setúbal** - - - - - , que, depois de ter tomado completo
conhecimento das condições da presente licença, cuja emissão
pediu em seu requerimento datado de - - - - -
de - - - - - de mil novecentos e - - - - -
declara que com elas se conforma inteiramente e se obriga, por
sua pessoa e bens, presentes e futuros, a cumpri-las integralmente
e se sujeita às penas impostas nas leis e no Regulamento dos
Serviços Hidráulicos, em fé do que se lavra este termo de
responsabilidade, que, depois de lido em voz alta e achado
conforme, vai ser encerrado e assinado pelo representante dos
Serviços Hidráulicos, pelo titular da licença e pelas testemunhas,
Maria Leonor da Costa Paulo e Maria Amélia de Castro Pinto
ambas funcionárias desta Secção.



/JA *Ytor de Almeida*
Maria Leonor da Costa Paulo
Maria Amélia de Castro Pinto

Modelo usado para renovação da licença da construção em 1970 (pag.4)

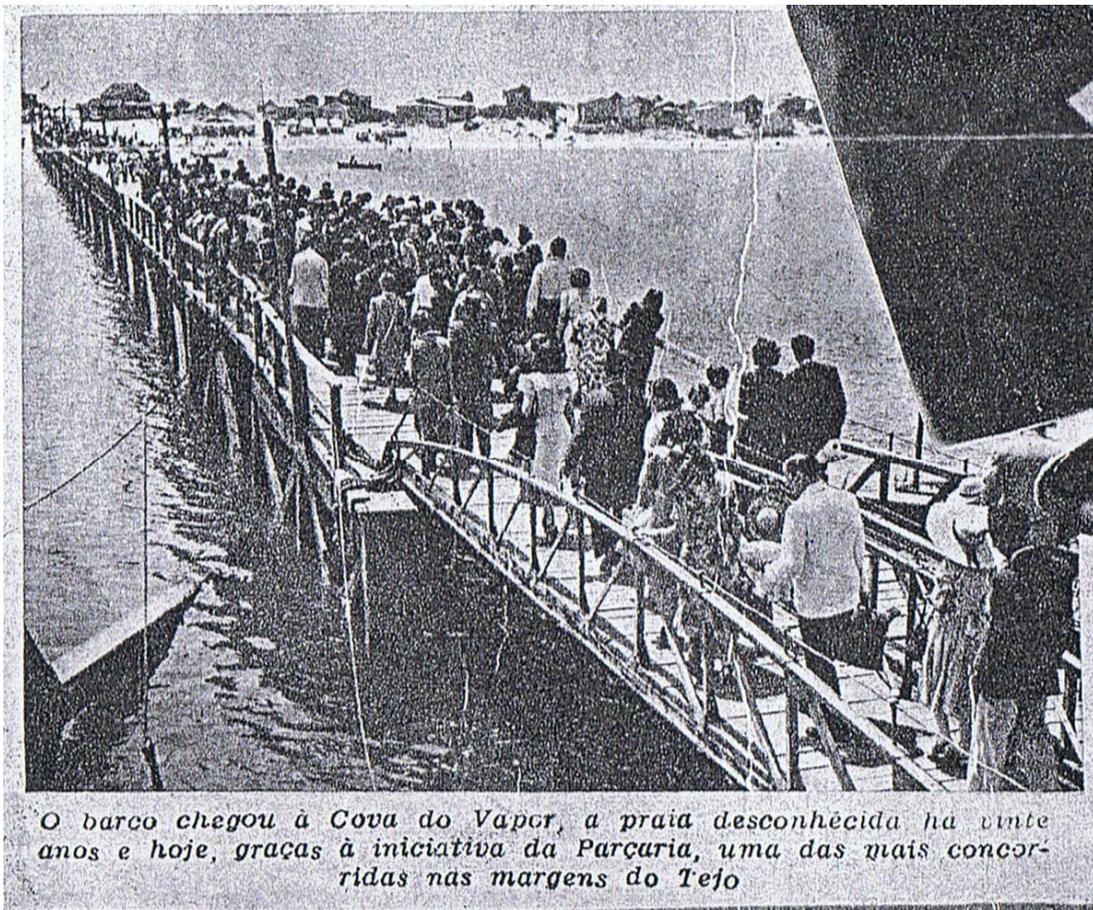


Figura 36 - Cais de desembarque na Cova do Vapor, imagem de 1948

COVA DO VAPOR JÁ TEM LUZ

**Após
cinco anos
de
promessas**

Os habitantes da Cova do Vapor, lugar ribeirinho da Trafaria, concelho de Almada, têm finalmente luz na via pública, depois de aproximadamente cinco anos de justas reivindicações.

Em 1982, os moradores da localidade pagaram a quantia de onze contos cada um para a electrificação pública e outro tanto para que a electrificação lhes chegasse à porta. No entanto, apesar dos esforços daquela já desfavorecida população, e depois de reunidos dois mil contos depositados na Câmara — e algumas centenas na EDP, tudo o que ganharam foram umas quantas peças soltas que seriam, um dia, uma cabina.

Cansados com as promessas e com os consecutivos pagamentos que faziam com vista à obtenção de uma rede eléctrica, os moradores da Cova do Vapor dirigiram-se ao «Correio da Manhã» para, publicamente, expor a situação.

Quase um ano depois da reportagem elaborada — período durante o qual as autoridades competentes desenvolveram os esforços necessários à solução do problema, principalmente a Câmara Municipal de Almada —, a localidade tem a tão desejada luz eléctrica, com a inauguração da linha da EDP, no passado dia 15 do corrente mês.

«A lanterna, contudo, ainda não foi eliminada. Usamo-la dentro de casa, mas esperamos — no futuro — ter lâmpadas em cada uma das nossas casas», referiu um dos habitantes que anunciou a «boa-nova» ao jornal.

Figura 37 - Notícia Correio da Manhã de 1987



Electricidade de Portugal
EDP/ Empresa Pública

Direcção de Distribuição Sul

Centro de Distribuição Almada

Rua Francisco Andrade, 22
Tel. 275 30 21 (10 linhas) - Telex 12 637 EDP ST P
2800 ALMADA

A
COMISSÃO DE MORADORES DA COVA DO
VAPOR
Avd. Martins Correia
COVA DO VAPOR - TRAFARIA
2 825 MONTE DE CAPARICA

Sua referência	Sua comunicação de	Nossa referência	Data
		ALMCM	10/2/82
Assunto		Nº.	
Electrificação da Urba- nização do Bico da Areia RBT 1-077		MLA 220	

Exm^{os} Senhores

Para v/conhecimento informamos V.s Exas. do custo dos seguintes orçamentos referentes à electrificação em epígrafe:

RBT 1-077 Bico da Areia	1 218 494\$00
(incluindo I.Pública)	
Ramal de M.T.	815 350\$00
Posto de Transformação	800 000\$00
Total	2 833 844\$00

Estes orçamentos têm a validade de 30 dias a contar desta data, findos os quais serão revistos, o mesmo sucedendo no caso de alteração do local do Posto de Transformação inicialmente previsto ou da sua orientação relativamente à entrada da linha de média tensão e ainda se os trabalhos não se realizarem dentro dos 12 meses subsequentes por razões não imputáveis a esta Empresa.

As chegadas serão debitadas à medida que forem solicitadas, de acordo com a portaria 270/79.

Aguardamos o v/acordo aos presentes orçamentos para darmos início à preparação do processo de licenciamento a apresentar à Direcção Geral de Energia.

Mais informamos que os nossos serviços técnicos ficam ao v/dispor para quaisquer esclarecimentos que julguem necessários.

Sem outro assunto de momento, subscrevemo-nos,

Centro de Distribuição Almada

Nascimento
Nascimento
(Chefe de Centro)

Figura 38 - Carta da EDP sobre o custo da Electrificação do bairro



Figura 39 – Exemplos de habitações marítimas do início do Século XX

Em cima, Cabanas em Estorno, na Fonte da telha e em St. André. Em baixo, Palheiro de Esmoriz, em tabuado vertical de 2 pisos, construção semelhante à encontrada no bairro.

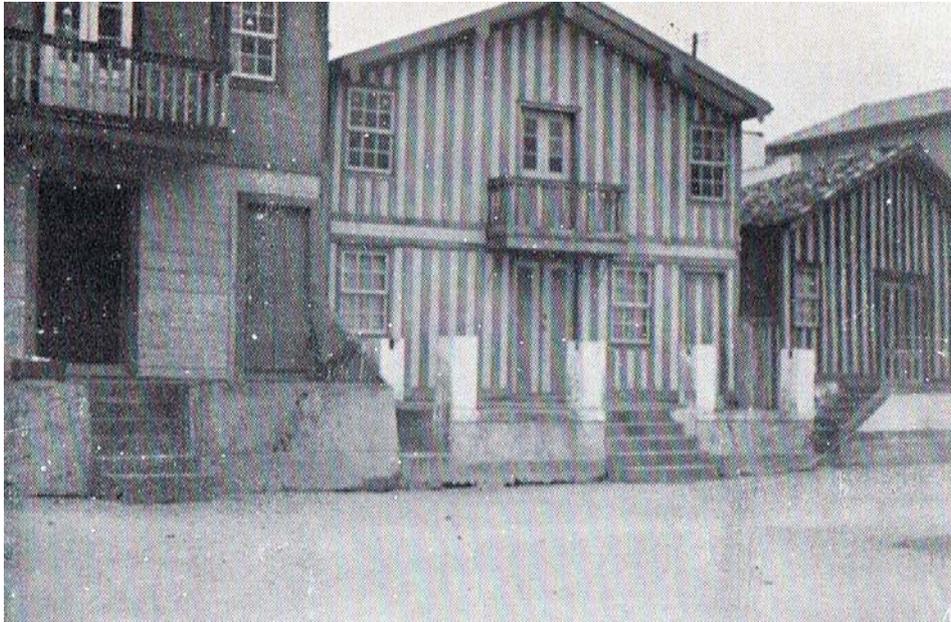


Figura 40 – Habitações na Costa Nova, Ílhavo

Em cima, imagem dos anos 40 dos palheiros da Costa Nova em Ílhavo (Oliveira 1964). Em baixo, aspecto actual dos palheiros na Costa Nova, imagem do Autor.



Figura 41 – Imagens do Bairro, habitações antigas, traçado original



Figura 42 – Imagens do Bairro



Figura 43 – Imagens do Bairro

Em cima, exemplo da arquitectura caseira. Em baixo, rua de acesso à praia.



Figura 44 – Imagens do Bairro

Em cima, estrada de acesso ao bairro. Em baixo, zona da Baía, porto de embarcações de pesca.

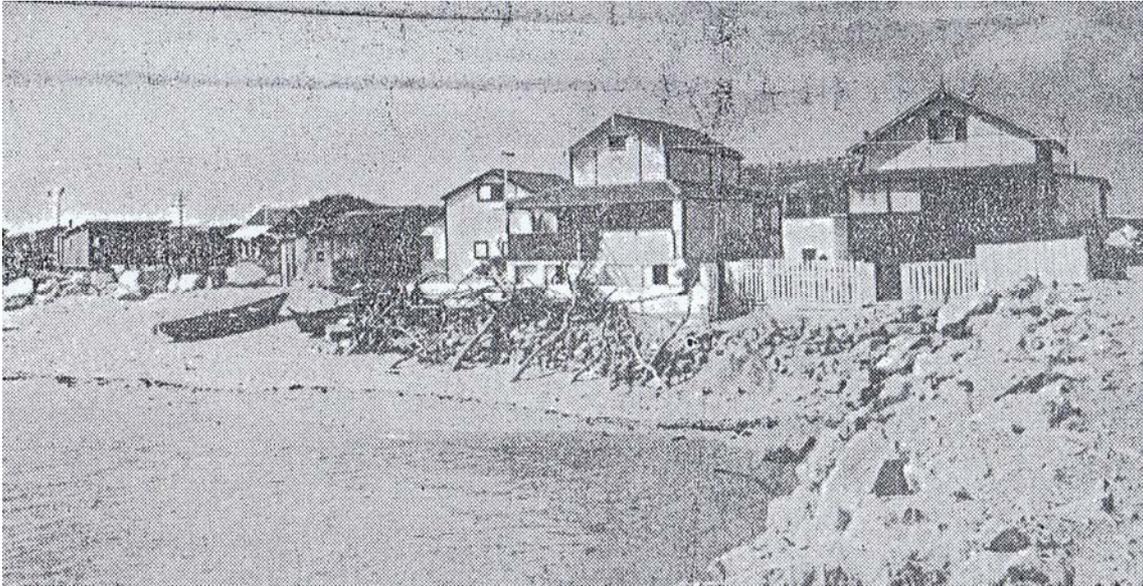


Figura 45 – Imagens do Bairro

Em cima, antiga foto da zona da baía. Em baixo, foto actual da zona.



Figura 46 – Imagens do Bairro, locais de convívio dos jovens

Em cima, escadas de Acesso, à cave de uma habitação onde se reunirem muitas vezes os jovens da zona. Na porta foi colocado uma advertência do proprietário. Em baixo, Parque das Merendas criado pela Comissão de Moradores



Figura 47 – Imagem do Bairro, cenário criado para rodagem de um Filme



Figura 48 – Logótipo do Bairro, criado pela Comissão de Moradores